



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

EDIANNE DOS SANTOS BARRETO TEIXEIRA

**AS CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO PARÁBOLA NO
DESENVOLVIMENTO INTERPRETATIVO DE TEXTOS COM ALUNOS DO
ENSINO MÉDIO NA MODALIDADE EJA DA ESCOLA CENTRO DE ENSINO
PROF. GALENO EDGAR BRANDES**

Presidente Dutra - MA

2016

EDIANNE DOS SANTOS BARRETO TEIXEIRA

**AS CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO PARÁBOLA NO
DESENVOLVIMENTO INTERPRETATIVO DE TEXTOS COM ALUNOS DO
ENSINO MÉDIO NA MODALIDADE EJA DA ESCOLA CENTRO DE ENSINO
PROF. GALENO EDGAR BRANDES**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão do Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado (a) em Letras, em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador (a): Esp. Ana Carolina de Sousa Borges

Presidente Dutra - MA

2016

EDIANNE DOS SANTOS BARRETO TEIXEIRA

**AS CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO PARÁBOLA NO
DESENVOLVIMENTO INTERPRETATIVO DE TEXTOS COM ALUNOS DO
ENSINO MÉDIO NA MODALIDADE EJA DA ESCOLA CENTRO DE ENSINO
PROF. GALENO EDGAR BRANDES**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão do Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado (a) em Letras, em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Esp. Ana Carolina de Sousa Borges (Orientadora)
Especialista em Educação, Identidade e Cultura Afrodescendente
Universidade Federal do Piauí

Prof^a. Esp. Daulinda Santos Muniz
Graduada em Pedagogia. Especialista em Gestão Pública
Universidade Estadual do Maranhão

Prof^a. Esp. Widêglan Marques Sousa Beserra
Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional
Universidade Estadual do Maranhão

Dedico aos meus irmãos – Yanara, Ednara e Luan – para que sintam-se inspirados pelo estudo. Espero um dia fazer parte deste momento na vida de vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de fé. Assim agradecer a tantos que me ajudaram e apoiaram em todos esses anos de persistência é na verdade, reconhecer o valor imensurável a cada um de vocês.

Primeiramente a Deus. Não tenho palavras para agradecer tudo o que Tens feito em minha vida e por mim. Tantas foram as preocupações e medos, mas o Teu cuidado sempre esteve ao meu redor, através de pequenos gestos. OBRIGADA.

Agradeço a minha filha Naarah Rhísyra, que apesar de ser tão pequena e não entender muitas coisas foi o meu maior motivo de prosseguir. Continuar e não desistir (até rimou, rsrs). É minha Estrela e meu maior presente dado pelo meu Deus Misericordioso. Amor maior!

Sou grata também a minha mãe, Ana Maria e meu pai, Barreto. Vocês são minha base, meu porto seguro. Mãe, você sabe que toda essa jornada só foi possível graças a você, que desde o primeiro momento (da inscrição), foi minha maior incentivadora. Pai, não sei se teria continuado sem sua ajuda, na busca de transporte, das viagens perigosas as noites e quando cuidou de minha filha para que eu pudesse assistir as aulas. Amo vocês.

Agradeço aos meus irmãos – Yanara, Ednara e Luan – apesar de sermos tão diferentes, como galhos de uma árvore, temos a mesma raiz e podemos sempre contar uns com os outros. Amo vocês também.

Agradeço a toda a minha família – vó, tias (os), primas (os), sobrinhas (os) que direta ou indiretamente me ajudaram e sei que também estão felizes por mim.

Agradeço às turmas de Letras de Presidente Dutra as quais fiz parte, na pessoa de Marciene. Obrigada por me acolher e me ajudar. E também aos grandes amigos que fiz em cada uma das turmas. André, Rafaela, Suzana, Francisca, Layane e Luís. Fran nunca poderei agradecer por tudo que fez por mim, me deixar fazer de sua casa a minha (e também da minha primeira noite longe de minha filha com tristeza e choro, mas hoje só boas lembranças).

À minha turma, na pessoa de Valeriano – nossa quanto tempo (rsrs). Obrigada a cada um de vocês...

Minha gratidão, na pessoa de Alexandra Lemos, a todos os professores que me ajudaram nesta caminhada. Muito mais que ensinar teorias, me prepararam também para a vida.

A todos os profissionais (vigias, zeladores, diretores, secretários) do Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, por me acolher a tanto tempo. Rosa Amélia, o que dizer da sua importância na minha vida acadêmica? Você se preocupou, me ajudou, deu broncas para o meu bem, sempre com muita ética e competência.

Não poderia deixar de agradecer ao Centro de Estudos Superiores de Barra do Corda, na pessoa do prof. Raimundo de Assis pela recepção, num ambiente totalmente desconhecido, mas que se tornou uma mudança maravilhosa para mim.

Sou grata, por ter encontrado a turma do 7º período de Letras de Barra do Corda, na pessoa da mais “chatinha” da turma, Ana Paula, que além de me acolherem propiciou-me sentir em casa. Deixaram-me fazer parte da vida de vocês e espero conservar a amizade com cada um. Gratidão de uma aluna “importada”.

Agradeço carinhosamente a Prof.^a Ana Carolina, minha orientadora. Aprendi muito nesse pouco tempo de convívio, não somente pela sua capacidade intelectual, mas também humana, que não mediu esforços para me ajudar, dispôs-se até mesmo a me acompanhar para esta defesa em outra cidade. Muito obrigada.

Quero agradecer ao Pr. Oliveira e ao irmão Edivan de Santa Filomena do Maranhão, pelas suas contribuições, quando cediam seus transportes para as viagens diárias rumo à faculdade.

Não posso deixar de mencionar meu esposo, Misael Teixeira, pelo sua ajuda e pela paciência.

Enfim, agradeço a TODOS, que de alguma forma me ajudou e me apoio.

A mente do homem sábio está sempre aberta para receber o conhecimento, e seu ouvido aberto para ouvir novas ideias.

Provérbios 18.15

RESUMO

Algumas pessoas têm a Bíblia apenas como livro religioso, mas ela pode ser muito mais que isso. Nela há uma coleção de livros catalogados, cada um com suas particularidades linguísticas, sendo assim uma riquíssima fonte de pesquisa e um recurso didático para as aulas de Língua Portuguesa. Logo, o objetivo desse estudo, é apresentar como os textos bíblicos podem ser utilizados em sala de aula, estimulando o educando a desenvolver sua habilidade de interpretação textual, tornando-se um leitor apto a analisar o meio que o cerca de modo crítico. Utilizando-se bases teóricas sólidas, objetiva-se oferecer novas diretrizes e caminhos que permitam desenvolver a interpretação dos alunos de forma estimulante e prazerosa, norteando a prática pedagógica do professor, caracterizando as tipologias textuais e analisando o gênero parábola como um instrumento valorativo nas aulas de Língua Portuguesa para aluno do EJA. Para tanto, realizou-se inicialmente um estudo bibliográfico como suporte teórico, e numa segunda etapa, a pesquisa de campo aplicada com uso de questionários por amostragem e atividades práticas.

Palavras-Chave: Compreensão. Gêneros textuais. Interpretação textual. Parábolas.

ABSTRACT

Some people have only the Bible as a religious book, but it can be much more than that. It's a collection of cataloged books, each with its linguistic features, as well being a rich source of research and an educational resource for the Portuguese language classes. Therefore, the aim of this study is to present how the biblical texts can be used in the classroom, stimulating students to develop their textual interpretation ability, becoming a reader able to analyze the environment that surrounds critically. Using solid theoretical basis, the objective is to offer new rules and ways in order to develop the interpretation of students in a stimulating and pleasurable way, guiding the teacher's pedagogic practice, featuring the text types and analyzing the gender parable as an evaluative tool in class Portuguese Speaking to students of adult education. Therefore, it held initially a study using as theoretical support applied research with the use of questionnaires by sampling and practical activities

Keywords: Parables. Textual genres. Textual linterpretation. Understanding.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|-----------|
| Quadro 1 – Domínios discursivos | 28 |
| Quadro 2 – Texto contrário..... | 32 |
| Quadro 3 – Texto letras e números | 32 |
| Imagem 1 – Fluência na leitura..... | 33 |
| Imagem 2 – $99+1=$ você | 34 |

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

| | |
|--|-----------|
| Tabela 1 – Tipos de textos..... | 25 |
| Tabela 2 – Idade / gênero dos alunos | 49 |
| Tabela 3 – Atividade Profissional dos alunos | 50 |
| Gráfico 1 – Alunos que gostam de ler..... | 51 |
| Gráfico 2 – O que os alunos mais gostam de ler..... | 52 |
| Gráfico 3 – Onde os alunos mais leem..... | 53 |
| Gráfico 4 – Recurso mais utilizados para sua leituras..... | 54 |
| Gráfico 5 – Alunos que sabem o que é uma interpretação textual..... | 54 |
| Gráfico 6 – Alunos que sabem o que é uma Parábola..... | 56 |
| Gráfico 7 – Alunos que já ouviram uma Parábola..... | 57 |
| Gráfico 8 – Leitura inicial de imagem..... | 62 |
| Gráfico 9 – Finalidade de uma Parábola..... | 63 |
| Gráfico 10 – O comportamento de qualquer um quando perde uma ovelha..... | 63 |
| Gráfico 11 – Atitude do pastor de perceber a falta de uma única ovelha..... | 64 |
| Gráfico 12 – Elemento principal da Parábola..... | 65 |
| Gráfico 13 – Atitude do pastor de deixar as ovelhas e ir atrás de uma..... | 65 |
| Gráfico 14 – O que aprendeu nesta parábola que pode ser aplicado em sua vida..... | 66 |
| Gráfico 15 – Releitura da imagem..... | 67 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DCN's - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica

EJA – Educação de Jovens e Adultos

g.t. – gênero(s) textual(is)

PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 14 |
| 2. BÍBLIA COMO LITERATURA | 16 |
| 2.1 Literatura Barroca | 18 |
| 2.1.1 Pe. Antônio Vieira..... | 19 |
| 2.1.2 Gregório de Matos | 21 |
| 3. REVISÃO LITERÁRIA | 24 |
| 3.1 Tipologias Textuais | 25 |
| 3.2 Gêneros Textuais | 27 |
| 3.3 Relação entre Aluno e Texto | 29 |
| 3.4 Interpretação Textual | 31 |
| 4. PARÁBOLAS | 37 |
| 4.1 Breve Histórico sobre as Parábolas | 38 |
| 4.2 Análise das Parábolas | 39 |
| 4.3 Parábolas Bíblicas x Parábolas Laicas | 42 |
| 5. PESQUISA APLICADA | 47 |
| 5.1 Metodologia | 47 |
| 5.2 Instrumentos | 48 |
| 5.3 População e Amostragem | 49 |
| 5.4 A Pesquisa | 50 |
| 5.5 Diagnóstico | 60 |
| 5.6 Resultados | 68 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 70 |
| REFERÊNCIAS | 72 |
| APÊNDICES | 75 |

| | |
|---|-----------|
| APÊNDICE A – PLANO DE ATIVIDADE PARA INTERPRETAÇÃO DE TEXTO..... | 76 |
| APÊNDICE B – FRAGMENTOS DO SERMÃO AOS PEIXES DE PE ANTÔNIO VIEIRA..... | 77 |
| ANEXOS | 79 |
| ANEXO A – QUESTIONÁRIO DE INVESTIGAÇÃO DO PROFESSOR E DOS ALUNOS..... | 80 |
| ANEXO B – LEITURA DE IMAGEM..... | 84 |
| ANEXO C – INTERPRETAÇÃO DAS PARÁBOLAS | 87 |
| ANEXO D – BARROCO I..... | 91 |

1 INTRODUÇÃO

A Bíblia é uma das mais fascinantes obras da literatura mundial, é a mensagem de Deus proferida ao homem. Possivelmente nem uma outra tem personagens mundialmente populares; histórias largamente anunciadas, mensagens e enredos que grande parte das pessoas ouvem desde criança.

Produção como essa pode colaborar para o desenvolvimento de leitores de textos literários, norteando e operacionalizando educandos e docentes, permitindo-os a pensar e agir com a escrita e a leitura literária, instigando-os a abstrair o mundo para que nele encontre sentido

Com relação ao gênero Parábola, encontram-se no Brasil pouquíssimos trabalhos referentes, sobretudo, estudos que abordam seus aspectos discursivos ou, que seja capaz de apresentar a organização estilística do gênero parabólico no aspecto que liga os atores da comunicação. A temática da narrativa é um método que leva os leitores e ouvintes a uma nova concepção. Entretanto, há um conflito claro entre literatura e religião.

O trabalho busca explicitar o uso da Bíblia, focando o gênero Parábola em sala de aula e suas possibilidades como suporte nas aulas de Literatura e Língua Portuguesa. Para tanto, realizou-se um estudo bibliográfico, utilizando teóricos e obras sobre o tema em estudo, e em segundo momento a pesquisa de campo foi aplicada no Centro de Ensino Prof^o. Galeno Edgar Brandes no período de maio a junho de 2016, na turma da 1ª etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA), nível I, onde foram aplicadas algumas atividades de leitura e interpretação textual. Utilizou-se como método a abordagem qualitativa e quantitativa e pesquisa exploratória. Como instrumento para coletas de dados, foi utilizado um questionário contendo algumas questões fechadas e abertas e ainda, textos para interpretação.

Os dados obtidos mediante o levantamento foi apresentados em gráficos, possibilitando a análise estatística dos mesmos. Diante das múltiplas faces das práticas de leitura, percebe que o professor sente-se desafiado em aprimorar sua prática visando contribuir na construção de um país leitor, garantindo a formação do aluno, enquanto cidadão crítico e consciente. Pois tem-

-se presenciado nas escolas brasileiras que a grande maioria do alunado não possui o hábito de ler e tão pouco interesse em praticá-la.

No segundo capítulo deste trabalho, apresenta-se a Bíblia como Literatura, devido sua importância na Literatura Barroca de suma relevância para a literatura mundial e ainda, dois de seus principais representantes, como Pe. Antonio Vieira e Gregório de Matos, embasados, principalmente nas concepções de Afrânio Coutinho.

Quanto ao terceiro capítulo, caracteriza a função dos textos na prática docente, assim como também a distinção entre os tipos de textos e os gêneros textuais. Ainda traz concepções sobre a interação entre aluno e texto, bem como a importância do conhecimento empírico do aluno para desenvolver sua interpretação eficiente dos gêneros textuais em que tenham contato.

O quarto capítulo aborda o tema no que diz respeito às Parábolas, analisando seu contexto histórico, suas formas de interpretação e ainda faz-se um paralelo entre as parábolas bíblicas e as parábolas laicas. Ambas podem contribuir favoravelmente para desenvolver nos alunos a interpretação de textos, sobretudo, pelo seu valor estilístico, semântico, de linguagem e etc.

Enquanto que no último capítulo deste trabalho, discuti-se as práticas de interpretação textual, fazendo-se a análise dos dados apresentados em gráficos e o retorno dos questionários aplicados aos educandos da 1ª série do Ensino Médio, modalidade EJA, na Escola Prof. Galeno Edgar Brandes, durante a pesquisa de campo a fim de apresentar o nível de interpretação crítica no qual os alunos encontram-se e a capacidade de uso da linguagem.

2 BÍBLIA COMO LITERATURA

Antes de tudo, um destaque faz-se necessário sobre esta visão da Bíblia como literatura, para muitos estudiosos a Bíblia é vista como livro de instrução religiosa e não como livro da cultura e de “processos civilizatórios complexos”. Por isso a tensão entre Bíblia e Literatura.

Para Magalhães (2008) é notório o fato de exclusão da Bíblia quando se trata de literatura ao afirmar que

Do lado da crítica literária e da teoria literária, não podemos deixar de constatar que cursos de letras normalmente não incluem a Bíblia entre os clássicos, desconhecem e formam desconhecimento da Bíblia como fonte da literatura mundial. (MAGALHÃES 2008, p.03)

Ou seja, há um considerável obstáculo entre os textos bíblicos e os textos da literatura. Assim é necessário que haja um certo diálogo entre a teoria literária como um todo, considerando assim, também o texto bíblico. O autor mencionado dá ainda mais ênfase a esses obstáculos, para ele:

Os obstáculos não residem nas interdiscursividades e intertextualidades entre o texto bíblico e muitos textos da literatura ocidental, mas residem nos domínios ideológicos sobre o saber, em hermenêuticas teológicas restritivas e em crítica e teoria literária carente de maior diálogo com o texto bíblico. (MAGALHÃES 2008, p.3)

Ainda diante dessa perspectiva, Sanoki (2003, p 105.) declara que “a relação do problema com o gênero literário está na falta de definição da parábola no mundo acadêmico”, ou seja, assim, parte-se do pressuposto que a Bíblia é riquíssima e diversificada em todo o seu aspecto (literária, teológica e moral). Encontra-se na Bíblia, as mais variadas narrativas como:

1) *Livros históricos que descrevem a história de um povo apresentando seus costume, cultura, conflitos, derrotas e esperanças.*

2) *As poesias que “expressam profundas emoções, utilizando um determinado ritmo e dispendo a escrita em versos a poesia revela o que o homem pensa e o modo como ele sente – feliz, triste, desesperado ou alegre. A poesia usa uma grande porção de linguagem figurada. Não pode ser interpretada literalmente como a história.*

3) *Músicas, estas são escritas como salmos e cantares.*

4) *Provérbios que são resumos da sabedoria do povo de Israel.*

5) *Cartas que começam com uma saudação, têm uma mensagem central e terminam com saudações de despedida. O corpo central da epístola pode relacionar-se com a resposta a perguntas mencionadas numa outra carta. Assim, é bom recordar que uma epístola é uma resposta a uma necessidade específica. Não fornece um ensino completo sobre qualquer tópico. Revela as características dos conteúdos das cartas que comumente escrevemos ou recebemos.*

Coutinho (2004b) ressalva ainda sobre a oratória sacra em território brasileiro, para ele, esses autores estavam professando ensinamentos para a formação de uma consciência moral e jurídica respaldados nas leis da Igreja, assim, criavam uma literatura de interpretações. Salienta ainda este autor:

Infelizmente, o tema não tem recebido atenção mais crítica ou interpretativa, muito embora não seja pequena sua biografia, prejudicada, no entanto, no seu valor judicativo e exegético, pela preocupação biográfica e panegírica, tendo sido, por isso, raramente salientada a funcionalidade da oratória sacra em Portugal e no Brasil do século XVII e do XVIII (COUTINHO 2004b, p. 163)

Não resta a menor dúvida que seja interessante considerar e analisar os textos sacros, assim bem exemplifica o critério idôneo da expressão sacra, como “expressão criadora, íntegra e total”. Tanto (2010, p.19) aborda a designação de texto literário, para a autora:

Essa designação de *literários* é usada tão somente pela tradição. Afinal, a escola só trabalha com textos literários, a análise de textos é análise de textos literários. Logo, se, se vai estudar textos, é preciso fazê-lo a partir de sua natureza literária (mesmo quando não o são) (TANTO 2010 p.19)

Entende-se que no ambiente escolar transitam textos literários e não literários. Deste modo, toda a escritura Bíblica é literária, além do que, esta faz parte da Literatura Mundial. E, se é Literatura pode ser levada à sala de aula, como suporte didático. É preciso desconstruir a noção da Bíblia apenas como livro de instrução religiosa e foca-lá como Livro da cultura e da civilização.

Isso implica, segundo os conceitos de Albuquerque (2006) que o professor deve “trazer para sala de aula os contextos significativos de leitura e escrita que envolva diferentes gêneros presentes no convívio social dos alunos e professores” (ALBUQUERQUE 2006, p.22)

Por isso, todos os gêneros de textos, promovem a interação, socialização e a apreensão dos indivíduos envolvidos e assim como afirma a perspectiva bakhtiniana a comunicação humana é feita por meio dos gêneros.

2.1 Literatura Barroca

O conceito do Barroco, aqui será usado na concepção de Afrânio Coutinho (2004), “é a adequação de um estilo ao clima espiritual e ao conteúdo ideológico de uma época determinada, o século XVII, definindo um fenômeno universal” (p.17).

A Literatura Barroca surge como um “complexo cultural”, marcando a literatura e cultura da arte. Coutinho (2004b) descreve o valor dessa escola literária, ao mencionar que esta combina:

[...] o mitológico ao descritivo, o alegórico ao realista, o narrativo ao psicológico, o guerreiro ao pastoral, o solene ao burlesco, o patético ao satírico, o idílico ao dramático, sem falar no mestiçamento da linguagem, já iniciada com a imposição da própria obra de evangelização e de nova sensibilidade lingüística, de que decorrerá a diferenciação de um estilo brasileiro. (COUTINHO 2004b, p. 6)

A literatura brasileira barroca impõe-se da tradicional com um novo estilo literário. Para o autor citado, o barroco “nasce com as primeiras vozes jesuíticas, pela poesia de Gregório de Matos e pela parenética de Vieira e seus descendentes” (2004b, p. 8). Vale frisar que essa roupagem barroca decorria do próprio sistema educacional da época, baseado na retórica, dominando esta fase com uma forte corrente de interpretação e crítica, tanto literária como intelectualmente.

Coutinho afirma que “as letras brasileiras, pela sua voz já falam por si mesmas, com a originalidade mestiça, a que o Barroquismo emprestou toda a sorte de artifícios e meios de realização eficiente” (COUTINHO 2004b, p. 11). Vê-se que há uma peculiaridade em nossas literaturas, firmando ainda mais a valorização da literatura jesuítica.

Coutinho cita Wölfflin¹ ao salientar que:

O período oferece perfeita unidade, expressa não somente o paralelismo entre as várias artes e literatura, mas também nas diversas formas de vida, o que levou os historiadores da cultura adotar o Barroco para designar as manifestações mais variadas da civilização no século XVII. (WÖLFFLIN Apud COUTINHO 2004b, p.14-15)

Diante dessa afirmação, é perceptível a importância da literatura barroca na arte e também esta servirá de base para a literatura religiosa, que será melhor detalhada mais adiante.

Para ampliação desta tendência literária, utiliza-se dois dos principais representantes do barroquismo: Padre Antônio Vieira, sermoneiro e principal escritor português/brasileiro e Gregório de Matos, poeta principal brasileiro.

2.1.1 Pe. Antônio Vieira

Inicialmente, faz-se uso das palavras de Coutinho para mencionar Pe. Antônio Vieira e sua relevância na história literária brasileira que:

Tem um lugar de destaque considerável na história da civilização brasileira, para a qual cooperou com tamanha obstinação e desassombro, não pode ser omitido de nenhum estudo de evolução do espírito literário no Brasil que tenha seus primórdios na fase colonial. (COUTINHO 2004b, p.80)

Assim, Antônio Vieira servirá de um ponto importante desse trabalho e contextualização com a literatura religiosa. É necessário aqui esclarecer que as obras de Vieira pertencem tanto à literatura brasileira quanto à portuguesa².

¹ H. WÖLFFLIN, *Conceptos Fundamentales em la Historia del Arte*. Ed. Esp. Madrid, Espasa-Calpe, 1945. Coutinho menciona que foi graças ao trabalho de Wölfflin que a arte barroca foi revalidada. (p.12)

² Vieira nasceu em Portugal, mas veio ao Brasil quando tinha sete anos. A maior parte de sua obra foi escrita no Brasil e foi mediador e representante de Portugal com outros países. CEREJA, Willian Roberto; Magalhães, Tereza Cochar. Português: linguagens1. – 9.ed. – São Paulo: Saraiva, 2013. (p. 254)

Vieira pregou sermões a “auditórios heterogêneos” por meio de uma expressão textual autêntica. Quanto a essa linguagem peculiar Coutinho esclarece que Vieira esperava que:

Os senhores presentes lhe explicassem o sentido de suas palavras, o grande pregador, que era um gigante do púlpito, jamais procurava adaptar-se a escassa compreensão de seus ouvintes canhestros e humildes. Outra, porém, seria sua atitude quando, em suas entradas no sertão, usava “a língua geral” para ser entendido do bugre. (COUTINHO 2004b, p.83)

Vê-se então que apesar de sua eloquência e linguagem rebuscada, Vieira tinha acertada preocupação em ser ouvido e compreendido. Seus sermões eram atribuídos a serviço das causas políticas que dedicava e defendia, nunca restringia sua situação à pregação religiosa.

Alguns teóricos descrevem Vieira como “orador incomparável” e ainda que os sermões pronunciados por ele tornaram-se “ao mesmo tempo a expressão máxima do Barroco em prosa sacra e uma das principais expressões ideológicas e literárias”³. Coutinho (2004b) salienta também que:

Os sermões e cartas subsistem com expressões de arte de um grande prosador, mas a vida que nele lateja insuflada pelo ardor da Fé ou indignação moral, escapa inteiramente as limitações da Estética. (COUTINHO 2004b, p.86)

Vieira publicou mais de duzentos sermões e quinhentas cartas manifestando deste modo, seus excessos. Assim, é notório a importância de Pe. Antonio Vieira no que diz respeito à literatura, sendo grande “homem de pensamento e ação” é plausível esta análise e influência artística.

O significado de sermão de acordo com o dicionário *Houaiss*⁴ da *Língua Portuguesa*: >> sermão. s.f. 1 discurso religioso pronunciado no púlpito; prédica, predicação, pregação. 2 discurso moralizador, geralmente longo e enfadonho. 3 qualquer fala com o objeto de convencer alguém de algo. 4 admoestação em tom severo; repreensão, descompostura.

³Ibdem (p.256)

⁴ Antonio Houaiss ET AL. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009 (p.1654)

Este era o propósito dos escritos vieiriano, confrontar as condições distintas do ser humano: fé e razão. Também essa é a essência do estilo barroco: expor o dualismo da perspectiva do mundo material e espiritual.

2.1.2 Gregório de Matos

Entre os anos de 1720 e 1750 o Barroco ganhou grande impulso, neste estilo surge Gregório de Matos que é considerado “o maior poeta do barroco brasileiro”.

A principal característica dos textos de Gregório de Matos é a irreverência e a oscilação de suas poesias entre a lírica amorosa, religiosa e filosófica. Coutinho (2004b, p.117) menciona este aspecto, “mas acima dessas fugas de idealidade, palpita o coração do fauno impiedoso, frutos da atmosfera política, religiosa e econômica que envolveu a época do bardo”. Vê-se que Gregório em sua poesia barroca reage perante os problemas morais da existência, por causa de sua poesia religiosa.

Coutinho reconhece esta fase⁵ literária de criação de poesias com suporte religioso que:

Era natural, num espírito do século XVII que instantes de serenidade, de inspiração religiosa, perpassassem sobre a comicidade de uma existência desregrada...

Poesias como muitas que se encontram na coletânea sacra do poeta não podem cair no *índex* da poesia “pseudobarroca”... porque é nelas que vamos encontrar o homem que não é feliz, porque tem uma consciência dilemática da vida, vive de contradições. (COUTINHO 2004b, p. 119)

Com tal característica, nota-se como eram os dilemas da escrita gregoriana, suas nuances entre a poesia lírica amorosa e a espiritual. Gregório então percorreu e sentiu essa duplicidade de sentidos em sua vida e arte literária. Vê-se que apesar das tendências anteriores buscarem uma linguagem mais

⁵ O Barroquismo da vida social e moral da época que viveu Gregório de Matos mereceram um estudo de Afrânio Coutinho em sua obra “*Aspectos da literatura Barroca*”.

romântica, poética, trovadoresca e dramática, o homem não pode destituir-se dos valores morais e éticos que de certa forma, estão alicerçados na fé. É esta a preocupação latente que dá a estética gregoriana a tomar uma consciência dinâmica. “Essa tendência para a humanização do sobrenatural bem como a busca do efeito visual e exageração dos recursos expressivos são as formas de expressão do ilusionismo gregoriano.” (COUTINHO 2004b, p. 121). Considera-se Gregório de Matos uma mente complexa percebida em todas as suas artes. Ele, em suas obras, iniciou uma nova tradição e superou os limites do próprio Barroco.

Vale destacar também que mesmo em sua lírica amorosa há uma forte batalha entre a carne e o espírito, talvez pela sua experiência como padre. Sua literatura sacra tem características próprias do barroco europeu como arrependimento, a culpa, o amor a Deus e ao perdão. Gregório utiliza a intertextualidade⁶ no poema⁷ “*A Jesus Cristo Nosso Senhor*”, apresentando o homem como ovelha e Jesus como o pastor, a seguir.

*Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Antes, quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.*

*Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.*

*Se uma ovelha perdida já cobrada,
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na Sacra História:*

⁶ De acordo com Bechara (2011), é a relação entre um ou mais textos; a influência de um texto sobre outro originando um novo texto (p.746)

⁷ In: FARACO, Carlos Emilio [et al]. Língua portuguesa: linguagem e interação. – São Paulo: Ática, 2010 (p.284)

*Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.*

(Jose Miguel Wisnick (org). Poemas escolhidos. São Paulo: Cultrix, s/d. p.297)

Este soneto é considerado a mais importante referência de literatura sacra, com sua dualidade de Gregório de Matos e da literatura brasileira. É perceptível na literatura sacra, os elementos condicionados aos textos bíblicos referenciando o conflito entre o eu e o mundo material.

Tanto Vieira quanto Gregório de Matos mobilizaram suas estéticas versando o eu lírico e sua condição humana e crítica, imprimindo em suas artes barroca a tensão dos seres humanos entre os valores do mundo ou da razão e a conscientização de valores próprios, da moral ou da fé.

3 REVISÃO LITERÁRIA

É imprescindível a prática de leitura no âmbito escolar, e, mais além, no cotidiano. Assim, esse é um ponto que está intrinsecamente ligada ao viver humano e social.

Por meio da leitura, o aluno capta informações necessárias para que seja resultado de uma ação. Albuquerque declara que as informações são selecionadas e retratadas em saberes de ação e depois se transformam em saberes da ação (ALBUQUERQUE 2006). Ou seja, as leituras são úteis para o aluno quando essas informações são capazes de fazê-los refletirem sobre suas atitudes e práticas.

Segundo este autor, o trabalho com textos deve considerar “seus portadores, funções sociais, estruturas e características linguísticas, entre outros aspectos” (Ibid p.22). Certamente, deve-se entender que há diferentes tipos de saberes e faz-se necessário considerar os saberes de cada um de forma individualizada e ao mesmo tempo, coletiva.

Marcushi (2002) incorpora uma série de observações desenvolvidas para a distinção entre gênero e tipo de texto. De tal modo, é necessário fazer essa diferenciação entre tipos e gêneros textuais por existir entre essas terminologias muitos equívocos.

De acordo com o autor acima citado, >>gêneros são “formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”, já >>tipos é “definido por seus traços linguísticos predominantes”, ou seja, é “um conjunto de traços que formam uma sequência”. Percebe-se então que os gêneros são entidades comunicativas e o tipo textual predomina uma sequência concreta, isto é, tipo textual é um todo e gênero textual é uma parte do todo.

Assim, para melhor esclarecimento será discutido esses conceitos a seguir, bem como também os fatores para a interpretação de texto e as relações entre autor e leitor.

3.1 Tipologias Textuais

Na verdade, há uma grande miscigenação entre aos tipos de textos e os gêneros textuais, de acordo com Albuquerque (2006, p.30) “são elencadas 48 tipos/gêneros de textos”. Entretanto, o que realmente existe é um grande emaranhado entre estas terminologias.

Para Marcushi (2002) tipo textual⁸ é:

Uma espécie de sequência teoricamente definida pela *natureza linguística* de sua composição [...] Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição e injunção*. (MARCUSHI 2002, p.22-23)

Assim, é interessante destacar que os tipos de texto têm suas diferenças e deve-se entendê-las, para evitar equívocos. Observe abaixo uma tabela que explicita os tipos e características textuais, sob sugestão de Werlich⁹(1973).

Tabela 1: Tipos de textos

| Bases Temáticas | Exemplos | Traços Linguísticos |
|-----------------|--|--|
| 1. Descritiva | “Sobre a mesa havia milhares de vidros”. | Este tipo de enunciado textual tem uma estrutura simples com um verbo estático no presente ou imperfeito, um complemento e uma indicação circunstancial de lugar. |
| 2. Narrativa | “ “Os passageiros aterrissaram em Nova York no meio da noite” ”. | Este tipo de enunciado textual tem um verbo de mudança no passado, um circunstancial de tempo de lugar. Por sua referência temporal e local, este enunciado é designado como enunciado indicativo de ação. |
| 3. Expositiva | (a) “ “Uma parte do cérebro é o córtex” ” (b) “ “ O cérebro tem 10 milhões de neurônios” ”. | Em (a) temos uma base textual denominada de exposição sintética pelo processo da composição. Aparece um sujeito, um predicado (no presente) e um complemento com um grupo |

⁸ MARCUSHI afirma ainda que um texto é em geral tipologicamente variado (heterogêneo). Entre suas características básicas está o fato de eles serem definidos por seus traços dominantes.

⁹ Apud MARCUSCHI, Luis Antonio. – *Gêneros Textuais: definição e funcionalidade*. 2002

| | | |
|------------------|---|--|
| | ” | nominal. Trata-se de um enunciado de identificação de fenômenos. Em (b) temos uma base textual denominada de exposição analítica pelo processo de decomposição. Também é uma estrutura com um sujeito, um verbo da família do verbo ter (ou verbos como “contem”, “consiste”, “compreende”) e um complemento que estabelece com o sujeito uma relação parte-todo. Trata-se de um enunciado de ligação de fenômenos. |
| 4. Argumentativa | “ “A obsessão com a durabilidade nas Artes não é permanente”. ” | Tem se aqui uma forma verbal com o verbo ser no presente e um complemento (que no caso é um adjetivo). Trata-se de um enunciado de atribuição de qualidade. |
| 5. Injuntiva | “ “pare!” ”, “ “seja razoável!” ” | Vem representada por um verbo no imperativo. Estes são enunciados incitadores de ação. Estes textos podem sofrer certas modificações significativas na forma e assumir, por exemplo, a configuração mais longa onde o imperativo é substituído por um “deve”. Por exemplo: todos os brasileiros na idade de 18 anos devem comparecer ao exercito para alistarem-se. |

Fonte: Marcushi (2002, p. 28)

Como nota-se, estão constatadas apenas cinco formas de tipos de texto. Entretanto, vale mencionar que neste ponto há certa contradição de terminologia. Enquanto que Bakhtin (1997, p. 279) afirma que “os gêneros são os tipos, as formas como os enunciados são utilizados” enquanto que Marcushi (2008, p.154)¹⁰ afirma que os gêneros são também chamados de “modos textuais”. É notório como ainda há nomenclaturas divergentes, mas no fim, significam o mesmo conceito; tem estruturas, conteúdos e estilos estabelecidos.

Objetiva-se com os tipos textuais classificá-los referentes a alguma das categorias acima demonstrada na tabela 1, ou seja, quando há predominância de elementos que as caracterizam. Todavia, um único texto pode apresentar mais de um tipo de textual. Daí pode-se dizer que este texto será nomeado de gênero de texto.

¹⁰ MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. SãoPaulo: Parábola Editorial, 2008.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's em seu documento sobre *Linguagens e Códigos* esclarece que “o texto é único como enunciado, mas múltiplo enquanto possibilidade aberta de atribuição de significados, devendo, portanto, ser objeto também único de análise/síntese” (BRASIL 2000, p.19).

Destaque necessário faz-se aos tipos de textos, visto que podem ser apresentadas múltiplas possibilidades de fatores: interpretação, intertextualidade, interdisciplinaridade entre outros termos essenciais para leitura e escrita eficientes.

3.2 Gêneros Textuais

A inclusão dos gêneros textuais (g.t.) nas aulas de língua portuguesa vem modificando a aspecto do ensino de linguagem e das demais disciplinas. Daí a relevância de trabalhar a língua usada, por meio de textos e gêneros nas quais ela se revela. Essa perspectiva tem impulsionado os docentes, que procuram adequar-se a esses novos aspectos.

Marcushi (2002) destaca a expressão gêneros textual¹¹ como:

Noção para referir os textos *materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresenta *características sociocomunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo, composição e características. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia os gêneros são inúmeros. (MARCUSHI 2002, p. 23)

Dada à riqueza e a variedade dos g.t. para Bakhtin (1997, p. 282), eles podem ser separados em dois grupos: i) gêneros primários ou “simples” – aqueles que fazem parte da esfera cotidiana da linguagem, tais como bilhetes, cartas, diálogos, relato familiar; ii) gêneros secundários ou “complexos” – textos,

¹¹ Alguns exemplos de gênero textual seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concursos, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante.

geralmente mediados pela escrita, dentre eles, o romance, o teatro e o discurso científico. Segundo esse agrupamento, Bakhtin afirma ainda que os gêneros primários podem ser controlados diretamente na situação discursiva já os secundários fazem parte de um uso mais oficializado da linguagem. Por esta razão, não possuem o imediatismo do gênero anterior.

Isso permite afirmar, de acordo com Tanto (2010, p.6) que cada atividade de linguagem produz gêneros próprios ou toma de empréstimo gêneros de outras atividades, adaptando-os aos seus fins mais específicos à medida da necessidade da ação comunicativa.

De acordo com Costa (2009), o quadro abaixo, mostra de forma clara como se dá a classificação dos gêneros discursivos e seus domínios.

Quadro 1: Domínios e Gêneros

| DISCURSOS (FORMAÇÕES DISCURSIVAS / DOMÍNIO DISCURSIVO) | GÊNEROS DO DISCURSO / GÊNEROS TEXTUAIS |
|--|---|
| RELIGIOSO | Prece/oração Ladainha Reza Sermão Hagiografia Parábola Homilia, etc. |
| JORNALÍSTICO | Notícia Reportagem Editorial Crônica Tirinha Breves/curtas Artigo jornalístico Carta de leitor Entrevista Debate Manchete, etc. |

Fonte: Costa (2009, p.21)

Destarte, supõe-se a complexidade da relação de gêneros e toda sua significação e estrutura. É apropriado acrescentar também, o que está inserido nos PCN's para o ensino relacionado aos g.t., transcrito abaixo se encontra alguns dos objetivos para os alunos:

- Expandir o uso da linguagem em instâncias privadas e utilizá-la com eficácia em instâncias públicas, sabendo assumir a palavra e produzir textos – tanto orais como escritos – coerentes, coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem e aos assuntos tratados;
- Compreender textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz. (BRASIL, 1997, p. 33)

Permite assim dizer, que haja discussões a fim de ampliar e aprofundar o debate quanto à questão textual (tanto sobre os tipos de texto quanto os gêneros textuais). Este resumo foi necessário para confirmar a aplicação destes discursos, que será confrontado mais adiante, ao retomar o debate em relação ao gênero parabólico em sala de aula.

3.3 Relação entre Aluno e Texto

Há muitas teorias quanto à relação entre texto / autor / leitor. Essa tríade é de essencial análise para compreender os textos e suas influências.

Para Koch e Elias (2012, p.7) texto é lugar de interação de sujeitos sociais, aos quais se constituem e são constituídos, que por meio de ações linguísticas e sociocognitivas, constroem objetos de discurso e propostas de ensino. É impossível, assim, que haja um texto sem leitor e leitor sem um texto, eles complementam-se mutuamente.

Costa (2009, p.20) afirma que “podemos inferir uma tipologia discursiva e textual para os gêneros”. Neste caso, Bakhtin (2000)¹² ainda declara que quaisquer que seja os gêneros textuais (orais ou escritos), estes são, portanto

¹² BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. 3. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2000, p. 276-326.

“produtos histórico-sociais” e, posicionam-se, de acordo com seu funcionamento social, pois haverá sempre um gênero próprio ao seu interesse.

Cada campo da atividade humana produz textos com algumas características comuns e, por isso, competem a um apropriado domínio discursivo, ou seja, é o lugar onde os textos são produzidos e consumidos. Para essa relação intrínseca e complexa, alguns estudiosos defendem que o sentido do discurso tem liberdade significativa, liberando-se do domínio de seu criador assim que é escrito. Pode-se sugerir que quando o texto é exposto ao público torna-se então, uma obra literária.

Deste modo, o leitor é quem determina o conteúdo textual, ele é o agente que aponta o que foi escrito. Da mesma maneira, como há os mais variados tipos de leitor, também há diversas interpretações de um texto.

É sabido que hoje, o ensino da leitura é visto como um processo de interação entre autor / texto / leitor. Entretanto, essa trilogia dá-se de forma muito complexa. De modo geral, o texto enfatiza os aspectos de compreensão, que contribui para a formação do leitor e ainda os aspectos humanísticos e criativos, do ato de ler. Sob essa ótica, Kleiman (2010) esclarece o que leva-se em consideração a espécie da interação entre o leitor e o autor é no momento em que:

O autor se propõe a fazer algo, e quando essa interação esta materialmente presente no texto através de marcas formais, o leitor se dispõe a escutar [...] o autor, para depois aceitar, julgar, rejeitar. (KLEIMAN 2010, p.19).

Diante do texto – que precisa conter uma mensagem que se quer levar a alguém – estabelece uma relação entre o autor e o leitor, que Kleiman denomina-a de “responsabilidade mútua”¹³. Ou seja, o leitor não pode ir ao texto com ideias imutáveis, pois assim, dificulta a compreensão, uma vez que o leitor distancia-se do propósito que o autor quis apresentar no texto.

¹³Kleiman define “responsabilidade mutua”, pois ambos (autor e leitor) têm a zelar, para que os pontos de contatos sejam mantidos. (Ibdem p.65)

Koch e Elias (2012) esclarecem que para alguns teóricos, devem ser analisados três pontos distintos¹⁴ quanto o significado de texto / leitor / compreensão / leitura, a seguir:

1) *Foco no autor – quando o leitor apenas capta a mensagem do autor, ou seja, não leva-se em conta o conhecimento do leitor;*

2) *Foco no texto – quando todo o sentido está explícito, isto é, a mensagem esta óbvia no texto;*

3) *Foco na interação - uma atividade interativa de produção de sentidos.*

Para cumprir esse propósito, os PCN's dão suporte de como desenvolver os conhecimentos discursivos e linguísticos dos alunos, ao afirmar que:

Uma vez que as práticas de linguagem são uma totalidade e que o sujeito expande sua capacidade de uso da linguagem e de reflexão sobre ela em situações significativas de interlocução, as propostas didáticas de ensino da Língua Portuguesa devem organizar-se tomando o texto (oral e escrito) como unidade básica de trabalho, considerando a diversidade de textos que circulam socialmente. (BRASIL 1998, p. 59)

Conforme as concepções acima citada de Koch e Elias, os PCN's são bases para que o texto interaja com o leitor tornando possível que o aluno identifique diversas esferas neles veiculados.

3.4 Interpretação Textual

É perceptível que algumas vezes o outro não entenda um texto, porque não partilha de determinadas habilidades necessárias como: um conhecimento prévio, o conhecimento de mundo, o contexto em que o texto foi produzido, as relações intertextuais, entre outros. Por conseguinte, ele não alcança a interpretação do texto, isto é, abstrair o sentido e/ou interagir com o autor.

¹⁴ Essa distinção esta ligada as concepções da língua, respectivamente: língua como expressão do pensamento; língua como estrutura "assujeitado" e, língua como interação.

Coutinho (2004a p.222) relata que “a literatura é, pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”.

É sabido que o leitor não decodifica as palavras, ele percebe-as globalmente e advinham muitas outras logo, são guiadas pelo conhecimento de mundo, pelas experiências e por hipóteses de leitura que lhes são próprios.

Deste modo, um bom exemplo disso são os quadros a seguir¹⁵:

Quadro 2: Leitura de textos contrário

“De aorcdo com uma pqsieusa de uma uinrvesridda eignlsea, não ipomtra em qaul odrem as Irteas de uma plravaa etãso, a úncia csioa iprotmatne é que a piremria e útmlia Irteas etejasm no lgaur crteo. O rseto pdoe ser uma bçguana ttaol, que vcoê anida pdoe ler sem pobrlmea. Itso é psosviel poqrue nós não lmeos cdaa Irtea isladoa, mas a plravaa cmoo um tdoo”.

Fonte: <http://hypescience.com/como-sue-cerberero-pedo-lre-itso/>.

Quadro 3: Leitura de palavras e números

É F4C1L L3R 357A M3N5AG3M S3M P3NS4R MU170

Fonte: <http://hypescience.com/como-sue-cerberero-pedo-lre-itso/>.

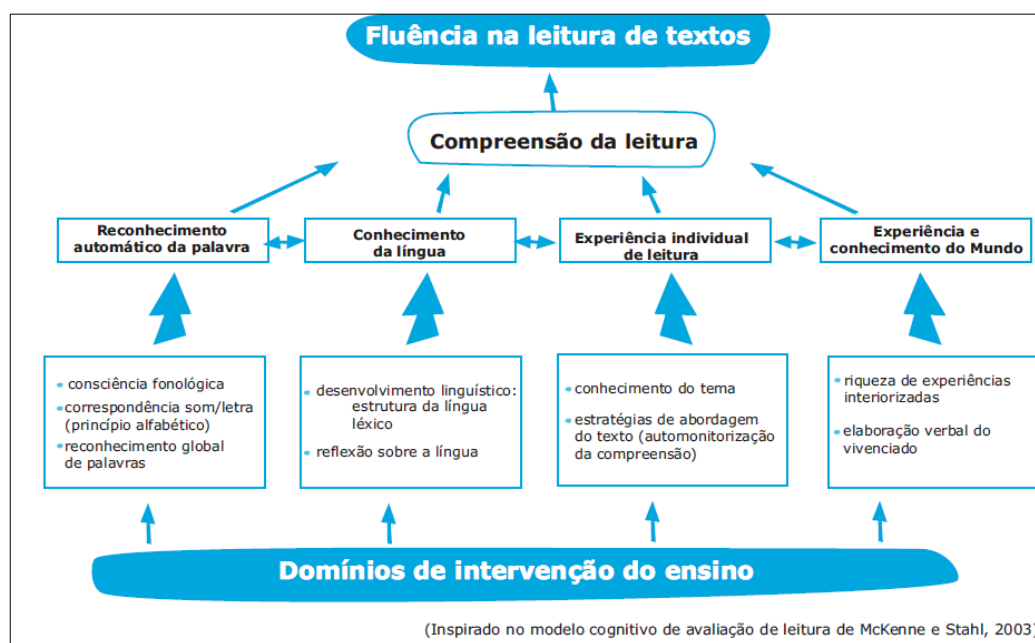
Da mesma forma, a compreensão do contexto faz o leitor facilmente pular algumas sentenças e mesmo assim entender a frase. Perante essa afirmação, Koch e Elias (2012, p.11) declaram que “a leitura é uma atividade na

¹⁵ Estudo realizado por neurologistas da Universidade da Califórnia (San Diego, EUA), por exemplo, explicam que o principal instrumento para isso é o contexto. A compreensão do contexto faz você simplesmente pular algumas sentenças e mesmo assim entender a frase (quadro 2). Além disso, nossa mente é mais independente do que parece: em uma leitura normal, nós batemos o olho na palavra como um conjunto e a lemos de uma vez só; não é preciso decodificar palavra por palavra. o segundo exemplo, que mescla letras e números. Quanto ao segundo exemplo (quadro 3) Estudos sugerem que nosso cérebro tenta automaticamente fazer uma equivalência entre o formato de letras e números, por isso não é estranho tomar um “4” como “A”, “3” como “E” e “5” como “S”. Em ambos os casos, a leitura acaba saindo fluentemente. Disponível em <http://hypescience.com/como-sue-cerberero-pedo-lre-itso/>. – Acessado em 28 de Maio de 2015.

qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor”. Ou seja, a compreensão de um texto baseia-se na forma de como este vê o mundo e os conhecimentos alcançados em sua vida. Em concordância com a afirmação acima, Kleiman (2010, p.13) declara que a compreensão é “um processo que se caracteriza pela utilização de *conhecimento prévio*: o leitor utiliza na leitura o que já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida”. Partindo desse pressuposto é seguro dizer que sem o conhecimento de mundo do leitor não há compreensão.

O quadro abaixo esclarece como se dá a fluência¹⁶ de um leitor, de acordo com a perspectiva de Sim-Sim (2007)

Imagem 1: Fluência na leitura



Fonte: Sim-Sim (2007, p.10)

Considera-se, em vista disso, que o texto não se prende a fatores linguísticos, todavia é preciso ponderar sobre os interlocutores envolvidos – quem

¹⁶ Segundo Sim-Sim essa fluência está expressa na relação interativa de quatro fatores essenciais para obter-se um bom nível de compreensão. Resumidamente são: I) rapidez e precisão de identificação de palavras; II) conhecimento da língua escolar; III) experiência de leitura; IV) experiência do conhecimento de mundo. (p. 9)

fala, quem escreve e para quem se escreve, porém esta compreensão eficiente não reduz-se apenas a estes fatores, é muito mais complexo.

Kleiman (2010, p.11) esclarece a complexidade¹⁷ de compreensão do texto, porque este é “rico demais para uma percepção rápida, imediata e total”.

Como mencionado, para a compreensão de um texto também é fundamental uma leitura de mundo, isto é, colocar em prática os conhecimentos adquiridos até o momento da leitura; aí sim, o leitor estar apto a realizar a interpretação do texto. Utilizando o objeto desta investigação, a Parábola, observe a imagem abaixo.

Imagem 2: Análise de imagem



Fonte: (<http://adca.org.br/wp-content/uploads/2014/05/A-cent%C3%A9ssima-ovelha.jpg>)

Assim, ao mostrar essa imagem para um aluno que não conhece a Parábola da Ovelha Perdida, esta não produz nenhuma significância para ele, pois este não contextualiza de forma coerente a imagem ao seu real significado. Entretanto, quando o leitor possui um conhecimento mais abrangente, logo associa esta imagem à sua aplicação. Então, pela imagem, este educando faz o

¹⁷ Segundo a autora, existe no objeto de estudo, isto é, no texto, uma rede de relações sintáticas lexicais, semânticas, pragmáticas, períodos, parágrafos e outros. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como linguístico, textual e o conhecimento do mundo que o leitor consegue construir o sentido do texto.

uso do contexto, do texto e ainda é capaz de imprimir suas inferências, promovendo conseqüentemente sua própria interpretação e conhecimento.

Às vezes o aluno lê um texto, mas não entende, e o professor aconselha que releia com atenção, mas ler e reler não vai adiantar, se o aluno não tem as informações necessárias para entender o texto. (PERINI 2000). Entende-se, portanto, que não há interpretação coerente de um texto, se o leitor não tem uma experiência e leitura de mundo cabível para tal ação.

Comprova-se, que para chegar à compreensão do texto é indispensável que seja observado as relações que há no texto; coesão, coerência e principalmente as conexões conceitual-cognitiva (FÁVERO 1993) de tal modo que há, provavelmente eficácia do leitor para obter bom êxito da compreensão e interpretação¹⁸.

Pode-se subter que “todo texto, independente do gênero, apresenta uma ideia principal e outra(s) secundária(s) que precisam ser apreendidas pelo leitor para que ele compreenda” (ALBUQUERQUE, 2006, p.31).

Em consonância com a autora mencionada, Antunes (2005, p.32) disserta sobre a mensagem do texto, onde “em um texto, há uma ideia central¹⁹, um tópico, um tema global que se pretende desenvolver. Um ponto de chegada, para o qual cada segmento vai se encaminhando, vai-se orientando”.

Não importa o que o autor esteja escrevendo, não importa o gênero ou o tipo, sempre há um ponto de vista, uma mensagem. Aliás, “perdê-lo significa romper com a unidade temática e comprometer a relevância comunicativa da interação” (ANTUNES 2005, p. 32).

Obviamente, a interpretação de um texto possibilita, no leitor, a assimilação de fatores essenciais aos conhecimentos, capazes de concretizar eficazmente uma mudança de atitude cultural envolvida com suas práticas sociais.

¹⁸ Fávero destaca que deve haver cenários apropriados, assinala-se que para que isto ocorra é preciso que um fragmento do texto constitua uma descrição parcial específica de um elemento do próprio cenário.

¹⁹ Neste aspecto, a autora salienta que é por esse motivo de se preferir o texto à frase, para ampliar assim, nossa capacidade comunicativa.

Os indivíduos precisam ser compreendidos na uso de sua expressão oral e não oral, e a ponte para essa perspectiva consiste numa leitura e interpretação eficaz de enunciados. É essa competência que possibilita e orienta a obtenção de significados nas esferas de atuação humana.

Deste modo, o professor tem o desafio de estimular o desenvolvimento pessoal e social de seus alunos, com a ampliação constante de suas competências e habilidades comunicativas, sejam elas escrita ou orais.

4 PARÁBOLAS

Durante o tempo que Jesus esteve na Terra, usou alguns métodos de ensino para fazer o homem entender seus ensinamentos. Um dos principais métodos foi o uso de Parábolas.

Parábola do latim *parabola* < grego *parabolé*; s.f. Narração alegórica na qual o conjunto de elementos evoca por comparação outras realidades de ordem superior. (AURELIO 2010, p.1558). Parábola é algo que se coloca ao lado de outra coisa para fim de comparação. Ela utiliza-se de um evento comum da vida para realçar e/ou explicar uma outra verdade.

Concomitante a este pensamento, vê-se que na visão aristotélica, o conceito de Parábola remete ao desenvolvimento de um raciocínio através de ilustrações criadas, que podem ser irônicas ou não, para argumentar e persuadir a respeito de um determinado ponto de vista sobre diversos temas. (CERQUEIRA, 2012). Para esta autora, este é um ponto que ainda deve ser pesquisado, tendo as parábolas como fator importante. Ela remete que:

Na teoria literária, em geral, os autores (Wolfgang Kayser, Afrânio Coutinho e outros) remetem ao texto bíblico do Novo Testamento para citar exemplos de parábolas e sinalizam que se trata de um processo narrativo de características peculiares, ainda sem serem exploradas pelos teóricos. (CERQUEIRA 2012, p.04)

Os textos bíblicos precisam ser analisados nas práticas sociais e educativas. De acordo com os PCN's (1998) é preciso refletir sobre algumas tensões centrais que precisam ser analisadas.

A tensão entre o espiritual e o material: frequentemente, as sociedades, mesmo envolvidas cotidianamente com as questões materiais, desejam alcançar valores que podem ser chamados de materiais/espirituais; suscitar em cada um tais valores, segundo suas tradições e convicções, é uma das tarefas para a educação (BRASIL 1998, p.16).

É necessário que o ensino trabalhe a formação ética e moral dos seus alunos não como instância normatizadora, mas como discussão na construção dos significados.

Jesus ao ministrar as parábolas construía discípulos de sua mensagem ao esclarecer os mistérios espirituais e, ao mesmo tempo ocultá-lo. Deve-se com

isto, entender como há uma complexidade em fazer uma interpretação profunda deste gênero.

4.1 Breve Histórico sobre as Parábolas

Usada no Novo Testamento com mais frequência, para designar um princípio ou combater comportamentos, as parábolas visavam influenciar diretamente seu público receptor.

Conceição (2011) deixa claro que o interesse de entender a Bíblia como literatura é recente, segundo ela, alguns autores tentaram essa proeza:

Para Antônio Magalhães (2009, p. 107-108), as tentativas de compreender a Bíblia enquanto fonte literária são deveras recentes. O primeiro a seguir por esse caminho teria sido Robert Lowth, um bispo anglicano que, em 1753, na obra *Hebraeorum*, avaliou a Bíblia como obra da literatura, caminho seguido por Herder em 1781. (CONCEIÇÃO 2011, p.98)

Nota-se, dessa forma que há poucos estudos sobre a temática da literatura religiosa, mas mesmo com esta escassez há a necessidade de aprofundamento dos conhecimentos. Coutinho (2004a) reforça a ideia desses estudos, remetendo a importância da literatura barroca.

Professando ensinamentos para a formação de uma consciência moral e jurídica, fundamentada nas leis da Igreja, esses autores criavam uma literatura de diagnóstico e de interpretações, porque, no fim de contas, estavam em jogo os valores humanos a que ela se dirigia. (COUTINHO 2004a, p. 162)

Segundo Sant'Anna (2010, p.11) “existe uma lacuna na língua portuguesa na conceituação e caracterização da parábola como sendo gênero literário”. É importante romper com o paradigma de que a parábola é somente um texto bíblico, na verdade, de acordo com Hauck está mencionada em Homero com os poemas a *Íliada* e *Odisseia*; sendo que a primeira, *Íliada*, contém 189 parábolas puras e a *Odisseia*, cerca de 40 parábolas. (apud SANOKI 2013, p.105)

Acerca desse conceito, Cerqueira (2012) traz a parábola como gênero discursivo, ao salientar que:

Logo, nossa ênfase recai sobre o caráter discursivo da parábola como narrativa literária (contada), pois, além de ser composta a partir de elementos literários, constitui um gênero discursivo reconhecido, visto que nela podem ser identificados os três elementos que compõem o gênero discursivo, apontados por Bakhtin (2011): estrutura composicional, temática e estilo. (CERQUEIRA 2012, p.02)

Como pode-se notar, os parábolas possuem caráter estimável na estruturação do senso crítico e interpretação do pensamento.

O gênero parabólico vem sendo por vezes confundido com outros g.t. Parábola - do gr. *parabolé* significa narrativa curta, não raro identificada como fábula, em razão da moral, explícita ou implícita, que encerra e da sua estrutura, mas esta se distingue daquela forma literária, pelo fato de ser protagonizada por seres humanos. Vizinha da alegoria, a parábola comunica uma lição ética por vias indiretas ou simbólicas: numa prosa altamente metafórica e hermética, veicula um saber apenas acessível aos iniciados. (MOISÉS, 1979).

Jesus adotou um dos métodos de ensino mais utilizado, feito através de parábolas, por isso é considerado um “educador por excelência”. Aliás, Ele foi o maior propagador deste gênero na antiguidade, com isso, esse gênero permanece até os dias de hoje, apesar de ainda existir pessoas que não têm conhecimento deste gênero.

Segundo Scholz (2006, p.90) “mais ou menos um terço do ensino de Jesus está em parábolas”. De acordo com Almeida (2003) há no Novo Testamento cerca de 32 parábolas proferidas por Jesus.

Cabral (2005) destaca que “além das parábolas de Cristo, encontramos muitas outras através das Sagradas Escrituras. Isaias, Jeremias, Ezequiel e Oséias usaram-nas com sabedoria” (CABRAL 2005, p. 6). De acordo com o autor mencionado há mais de 205 parábolas em toda a Bíblia.

4.2 Análise das Parábolas

A interpretação das parábolas geralmente recai sobre a Hermenêutica – a arte ou o método interpretativo que procura compreender um determinado texto. Decorrida do grego *hermeneutiké*, tem o sentido de interpretar,

explicar de uma forma geral a passagem textual em questão, tentando nela encontrar a alegoria presente. De acordo com Bechara (2011) “hermenêutica s.f. Arte de interpretar o sentido das palavras, esp. dos textos sagrados e das leis. Portanto, está ligada entre os fatores de conhecimento dos textos religiosos”.

Também conhecida como filosofia prática, Hans-Georg Gadamer²⁰ desenvolveu essa linha de reflexão, principalmente porque entendia o método como um campo desvinculado da teoria, ou seja, seria apenas mera arte absorvida do conhecimento teórico. Para Gadamer o método hermenêutico é indispensável ao discurso histórico e artístico, e também é aplicado em direito, teologia, literatura e filosofia.

Segundo Cabral (2005) a hermenêutica conceitua a parábola como “uma narrativa alegórica constituída de personagens, coisas, incidentes e atitudes que, através de comparação, facilita a compreensão da realidade que se acham além do nosso entendimento” (CABRAL 2005, p.6). É necessário investigar os diversos elementos que compõem o processo hermenêutico, que é a relação entre o autor, o texto e o leitor para que possa obter a compreensão de um texto, no seu significado mais profundo.

Desta maneira, a análise da parábola, tem em vista seu momento enunciativo, a fim de constituir seu esboço estilístico-discursivo e contemplar as principais características discursivas, no que diz respeito ao estilo da parábola. (CERQUEIRA 2012). A autora mencionada esclarece sobre a necessidade de estudar e analisar as narrativas bíblicas, para ela:

Devido à grande ocorrência desses textos nas obras literárias brasileiras e estrangeiras – de Machado de Assis, Guimarães Rosa, José Saramago e Goethe, por exemplo -, observamos a necessidade do estudo da narrativa bíblico-parabólica na vertente linguística. (CERQUEIRA 2012, p.02)

²⁰ Em 1960 Gadamer publicou *Verdade e Método*, que descrevem mais completamente seu trabalho na hermenêutica filosófica. Ataca o ponto de vista do método científico como o único caminho para a verdade. Hermenêutica crítica pode ser entendida na filosofia de compreensão e interpretação. *Verdade e Método* examina a linguagem como um veículo para a interpretação, e incluem críticas sobre a estética kantiana, hermenêutica romântica, e o historicismo de Dilthey. Gadamer argumenta que as verdades da história, sociedade e cultura só são reveladas através de uma espécie de diálogo: através de ouvir a história como ela é revelada em tradições e instituições e cultura, como é revelado na poesia. Estas verdades permanecem inacessíveis à observação científica. Disponível em: <http://www.egs.edu/library/hans-georg-gadamer/biography/>.

Aponta-se como significativo uma análise do estilo da parábola, em virtude de seu conjunto ativo na constituição do discurso, visto que a abordagem aqui desenvolvida contribuirá para as compreensões discursivas deste gênero e, logo, sua ratificação enquanto gênero autêntico, de influência na literatura ocidental e presente na realidade da sociedade.

Ao examinar as parábolas é preciso observar os vários tipos de análises. De acordo com Fernandes (2011) ela se dá em quatro características:

1) Análise Histórico-Cultural e contextual.

É importante analisar o contexto e a situação histórica em que se encontra a parábola, isto será muito útil e dará muitas pistas para interpretá-la.

2) Análise Léxico-Sintática

Nesta análise é importante, primeiramente, investigar o desenvolvimento e mostrar como se encaixa no contexto; indicar as palavras conectivas e mostrar de que modo elas auxiliam a entender a progressão de pensamento do autor; determinar o que significam as palavras tomadas isoladamente e analisar a sintaxe para mostrar de que modo ela contribui para compreensão da parábola.

3) Análise Teológica

Entretanto não iremos nos deter nesses aspectos. (grifo nosso)

4) Análise Literária

Um questionamento central em relação a parábolas é: quanto é significativa? As parábolas têm apenas um tema central coberto por ornamentos e detalhes (FERNANDES 2001, p. 2 e 3)

Com isto, é nítida que uma análise efetiva desse gênero se dá em várias dimensões e que esta, é assim, uma forma eficaz de desenvolver o senso interpretativo dos educandos.

Há também que salientar, para que haja a interpretação parabólica é preciso fazer uso da leitura vertical e horizontal²¹. Sobre essa ótica Nascimento (2011) esclarece: “A leitura horizontal é muito fácil de ser entendida, pois basta ler **AQUILO QUE O TEXTO DIZ**. A leitura vertical se observa **AQUILO QUE O TEXTO QUER DIZER**” (grifos da autora). Ou seja, a leitura e a interpretação só são plausíveis quando se observa toda a composição linguística do texto: conjunções, advérbios, verbos, preposições etc.

Com relação ao gênero parábola, estas podem ser vistas como “episódios e relatos organizados numa disposição tal, que entre eles existe sempre uma relação de anterioridade e posteridade, relação muito pertinente num

²¹A leitura horizontal também é denominada de leitura superficial; já a leitura vertical é com mais profundidade. Porém o valor semântico tem que estar a eles atribuído no contexto.

texto narrativo, ainda que seja alterada sua sequência linear” (FIORIN e SAVIOLI 2002, p. 289). Sob essa perspectiva não pode-se compreender o todo – um texto – sem compreender suas partes e da mesma forma, não compreender-se as partes sem compreender o todo.

Outra característica de acordo com Bailey é que a parábola é composta de três partes: 1. A narrativa propriamente dita; 2. A resposta dos leitores ou ouvintes; 3. Reflexão sobre temas teológicos que estão na base dessa resposta. (SANOKI 2003). De acordo Cabral, sempre haverá uma pergunta explícita na parábola, seja ela no início ou no fim. Sob a visão bakhtiana, precede a afirmação de que “toda resposta gera uma nova pergunta. Perguntas e respostas supõem uma distância recíproca. Se a resposta não gera uma nova pergunta, separa-se do diálogo e entra no conhecimento sistêmico, no fundo impessoal”. (BAKHTIN, 2003, p. 408). É aceitável dizer que ao ler uma parábola faz-se necessário levantar questionamento sobre a leitura, buscar suas respostas, assim cria-se um ambiente propício à interpretação.

Considerando as propostas de sentidos do texto de Kock e Elias (2012, p.32) é apropriado mencionar suas perspectivas com relação ao texto, pois este “depois de escrito, o texto tem uma existência independente do autor. Entre as produções do texto escrito e a sua leitura, pode passar muito tempo [...] fato esse que interfere na produção do sentido”. Por isso, geralmente associam-se a análise parabólica de certa forma com dificuldade de interpretação, isso faz com que essas leituras tornam-se cansativas e complexas, por este motivo requer uma resposta imediata do ouvinte.

4.3 Parábolas Bíblicas X Parábolas Laicas

É interessante apontar uma parábola bíblica e uma parábola não bíblica para efeito de comparação. Para suporte a este trabalho utiliza-se como

base a Parábola da Ovelha Perdida, encontrada no Livro de Lucas²², capítulo 15, versículos 1 – 7, transcrita a seguir:

1 E chegavam-se a ele todos os publicanos e pecadores para o ouvir.

2 E os fariseus e os escribas murmuravam, dizendo: Este recebe pecadores e come com eles.

3 E ele lhes propôs esta parábola, dizendo:

4 Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e não vai após a perdida até que venha a achá-la?

5 e, achando-a, a põe sobre seus ombros, cheio de júbilo;

6 e, chegando a sua casa, convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque já achei a minha ovelha perdida.

7 Digo-vos que assim, haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.

Há ainda outra passagem, Mateus 18, 10-13, que agora é usada como Ilustração da Ovelha Perdida. Abaixo segue a transcrição:

10 Vede, não desprezeis algum destes pequeninos, porque eu digo que os seus anjos deles nos céus sempre veem a face de meu Pai que está no céu.

11 Porque o Filho do homem veio salvar o que se tinha perdido.

12 O que vos parece? Se algum homem tiver cem ovelhas, e uma delas se desgarrar, não irá pelos montes, deixando as noventa e nove, em busca da que se desgarrou?

13 E, se, porventura, a acha, em verdade vos digo que maior prazer tem por aquela do que pelas noventa e nove que se não desgarraram.

Considera-se que, primeiramente o leitor deve identificar algumas informações específicas do texto lido: o fato relatado, as personagens, o tempo e o espaço em que se passa a ação, entre outros.

Um merecido destaque faz-se necessário quanto à questão da intertextualidade. Um texto sozinho ocasionalmente não diz muita coisa. Por isso

²² Lucas, autor do terceiro evangelho, era médico e foi descrito por Paulo como o médico amado, foi também um dos cooperadores desse apóstolo em algumas de suas missões.

deve-se verificar se o texto em questão não está conexo a outro texto que se tenha lido. Que características têm este com o outro (há mais semelhanças do que imaginamos). Por isso muitos assuntos que são abordados em textos literários ficam sem pleno entendimento, porque falta aos seus leitores a observação ao diálogo textual (FERNANDES, 2011).

É necessário dizer que quando se fala em parábolas, faz-se menção não apenas de parábolas bíblicas, mas também da parábola secular²³ ou laica. Relativo a esta temática das parábolas laicas, quase não há escritos, entretanto apesar de existirem elas não tem tanta notoriedade quanto à religiosa. Entretanto possui o mesmo caráter moral que a bíblica. Registrada está a seguir uma parábola secular, intitulado como a Flor da Honestidade²⁴.

A Flor da Honestidade

Era o primeiro dia de aulas naquela escola em Celorico de Basto, após as férias de verão quando contei esta história.

“Há muitos anos, no tempo em que havia muitos reis, príncipes e princesas, havia um príncipe, jovem, educado e muito rico que desejava casar.

Chamou os seus empregados, seus mensageiros e pediu para levarem a notícia a todo o país num edital que dizia:

“Convidam-se todas as meninas, com idade de casar que tenham qualidades necessárias para serem escolhidas como esposa do príncipe para a festa no Castelo do reino.”

As jovens desse país quando souberam da notícia ficaram tão entusiasmadas... Diz a história que havia uma jovem muito bonita. Era uma menina que tinha 19 anos, que disse á sua mãe:

“Mãezinha, nós somos tão pobres, achas que o Príncipe me vai escolher?

Minha querida filha é um convite do Príncipe, é uma ordem real, tu tens de ir. “Não estejas preocupada por ser pobre, pois tu tens as qualidades necessárias para seres a escolhida”.

A menina que era sempre obediente aceitou o convite.

²³ De acordo com Bechara, secular também pode ser definido como “que ou quem não pertence a nenhuma religião”, e, é nesse sentido que será usada.

²⁴ Autor desconhecido. Disponível em: http://bibliotecaebvelas.weebly.com/uploads/3/1/9/1/31915525/a_flor_da_honestidade.pdf

Chegou o dia tão aguardado. Vestidas com os mais belos trajes e joias que se possa imaginar as bonitas meninas estavam muito felizes por estarem na presença do seu Príncipe. Estavam 1000 candidatas de todo o País.

Algumas diziam. Eu é que sou a mais bonita, o Príncipe vai escolher-me a mim...

A certa altura da festa o Príncipe tomou a palavra: “Obrigado por terem aceitado o meu convite. É um prazer estar na vossa companhia. Como não vos conheço, hoje não posso fazer a escolha. Vou dar a cada uma de vocês uma pequenina sementinha daqui a seis meses aquela que tiver a flor mais bonita, essa será a escolhida como minha mulher e será a princesa do nosso lindo país.

O tempo foi passando, apesar de esta menina tratar com tanto carinho a sementinha, não havia maneira de dar uma pequena flor.

A mãe da Sara, a menina desta história, olhava a tristeza da sua filhinha. O que se tinha passado com a sementinha?

No dia marcado pelo Príncipe, o vaso estava vazio. A Sara estava a chorar.

Porque será? Além de ser tão pobre, não tenho flor para levar...eu...

A mãe consolava a sua filhinha.

“ Minha querida filhinha... eu não sei o que se passou mas tu cuidaste com tanto carinho esta sementinha filha. É preciso ter muita coragem, mas eu aconselho-te a voltares ao Castelo Real...ires á presença do teu Príncipe.

Uma das grandes qualidades da Sara era ser honesta e obediente.

Enquanto as outras meninas traziam as flores mais lindas que podemos imaginar...haviam, lírios, rosas, cravos...lá no cantinho da sala estava a Sara, com o seu vaso vazio quando os guardas anunciavam a entrada do Príncipe.

Muito obrigado por terem voltado. Trazem tão lindas flores nos vossos vasos.

Como é possível? Fez-se um grande silêncio.

Digo-vos que tentaram mentir ao vosso Príncipe, apenas uma das mil presentes é que não o fez.

Como te chamas?

Sara meu Príncipe.

Tu serás a escolhida.As sementes que eu vos entreguei eram estéreis, por isso não poderiam dar flores.

A Sara possui as qualidades que vocês não têm. Possui a flor da honestidade e da obediência, qualidades que eu desejo para me ajudar a fazer o meu reino, um reinado honesto e mais feliz.

(autor desconhecido)

O essencial para explicar o gênero parabólico é que é preciso entender a parábola como sendo a apresentação de símbolos, isto é, imagens tomadas da realidade terrestre para ser sinal das realidades reveladas por Deus. Elas precisam de uma explicação mais profunda. Foi essa explicação inicial que Jesus começou e deixou para os seus seguidores darem continuidade mais tarde. (LEON-DUFOUR, 1972)

Nota-se que o intuito das parábolas é demonstrar os princípios morais e religiosos. Segundo Scholz (2006) as parábolas têm quatro elementos importantes.

1) É uma narrativa, pois conta uma história. Além disso, é tirada da vida real, sendo verossímil. E também simples, pois se trata de literatura popular. 2) É mais do que uma simples história ou narrativa, pois opera em dois níveis de significado: o literal e o figurado. 3) Tem como propósito maior, não apenas entreter ou captar a atenção, mas levar a mudança de pensamento e sentimento. 4) Fala do reino de Deus, num dos seguintes aspectos: sua vinda; a graça do reino ou a misericórdia de Deus; discipulado; a crise trazida pela iminência do reino. (SCHOLZ 2006, p. 90)

Salienta-se que para entender o sentido dos textos parabólicos, precisa-se assimilar as análises nela contida, chamadas de análises esotérico e exotérico. Entende-se por conhecimento esotérico aquele que se refere às explicações que Jesus dava aos apóstolos em particular, enquanto que o conhecimento exotérico refere-se à exposição que Jesus fazia publicamente.

Jesus as usou para listar pensamentos complicados, falar do desconhecido a partir do conhecido, do abstrato a partir do concreto. (SCHOLZ 2006, p.92). Explica-se, desta forma, o quão rico é este gênero no que diz respeito à significação e transformação do pensamento. Acrescenta que estas não podem ser interpretadas além do que ela quer dizer, ou seja, não pode-se extrapolar os limites da interpretação.

5 PESQUISA APLICADA

Sabe-se que o papel do docente não é executar seu poder sobre seus alunos, mas para ensinar, entretanto isto não é possível sem a colaboração do aluno.

Nesse sentido esta pesquisa é norteada de alguns parâmetros necessários para entender como se dá esse processo de desenvolvimento de leitores e escritores competentes e, mais ainda se estão aptos à interpretação coerentemente de um texto.

Albuquerque (2006, p.16) defende o pensamento de Schön ao afirmar que a pesquisa é a “reflexão sobre a prática, a qual exige um acesso particularmente direto o pensamento e a ação prática.”. Assiná-la-se, portanto, que a teoria e a prática devem andar juntas, uma complementando a outra e não distanciando esses valores importantes.

Como dito anteriormente, esse estudo e análise é para despertar a interpretação textual dos alunos do Centro de Ensino Prof. Galeno Edgar Brandes, aplicada no período de maio e junho de 2016, no turno noturno, na única turma da Modalidade da Educação de Jovens e Adultos na 1ª etapa do Ensino Médio.

5.1 Metodologia

A metodologia usada é a da *pesquisa aplicada* (Marconi & Lakatos, 1996), cuja caracterização se dá pelo seu caráter prático, isto é, em que os resultados sejam aplicados ou utilizados na solução de problemas que ocorrem na realidade.

Referente às aulas, identifica-se algumas estratégias presentes utilizadas tanto pelo professor quanto pelo educando para argumentar e/ou facilitar o processo de ensinoaprendizagem, como: correções e reparos; repetições e paráfrases; paralelismos sintáticos e semânticos entre outros.

Também foram desenvolvidos debates orais e escritos com os alunos e com o professor. Fez-se necessário ministrar aulas acerca do assunto abordado. Nesse sentido, foi de grande relevância essa interação entre o pesquisador e os pesquisados, conhecendo assim mais de perto as deficiências destes alunos.

5.2 Instrumentos

Inicialmente houve a apresentação da pesquisadora pelo professor regente da turma, professor Marcos Rogério. No segundo momento, foi realizada como procedimento técnico a coleta de dados, ou seja, um diagnóstico com os conhecimentos que os alunos já possuem das parábolas e sobre a interpretação textual. Para esse diagnóstico foi entregue a cada docente, um questionário com perguntas fechadas, salvo algumas exceções, fez- necessário o uso de perguntas abertas.

Para a conclusão desta parte da pesquisa foi ministrada para os alunos o gênero parabólico, com questionamentos e debates orais e por fim, entregue um questionário aberto para demonstrarem os conteúdos absorvidos. Depois dessa conclusão, foi entregue a uma aluna um texto para ser lido em alta voz, a todos os alunos na sala de aula.

Destaca-se aqui, o conceito de Antunes sobre o uso de textos diversos em sala de aula, para ele, “saber usar cada texto em seu domínio constitui uma exigência do mundo letrado em que circulamos, essa é a verdadeira competência que cabe a escola desenvolver” (ANTUNES 2005, p.34). Justifica-se, desta forma, a diversidade dos textos levados a sala de aula, para efeito também de comparação

5.3 População e amostragem

Realizado na turma da 1ª etapa, única do EJA, no turno noturno, com 40 alunos matriculados, entretanto, frequentam em média 25 alunos. Percebe-se logo, a evasão que há nessa turma. É propício mencionar, segundo as Novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação – DCN's (2013) que:

O direito à educação constitui grande desafio para a escola: requer mais do que o acesso à educação escolar, pois determina gratuidade na escola pública, obrigatoriedade da Pré-Escola ao Ensino Médio, permanência e sucesso, com superação da evasão e retenção, para a conquista da qualidade social. (BRASIL 2013, p.4)

Neste sentido, observa-se uma das grandes dificuldades da educação, a permanência dos alunos na escola, que entre um dos motivos está à falta de interesse, que pode ser associada a vários fatores como: localidade, método de ensino, motivação, trabalho e etc.

No tocante a faixa etária desses alunos, varia entre 18 e 45 anos. Quanto à quantidade por gêneros, com base nos 24 alunos frequentes, divide-se em: 12 homens e 12 mulheres. Nesse caso temos:

Tabela 2: Idade/gêneros dos alunos

| HOMENS | MULHERES | |
|---------------|-----------------|------------------------------|
| Nível 1 – 12 | Nível 1 – 7 | Nível 1 - entre 18 a 25 anos |
| Nível 2 - 0 | Nível 2 – 3 | Nível 2 - entre 26 a 39 anos |
| Nível 3 - 0 | Nível 3 – 2 | Nível 3 - acima de 40 anos |

No que diz respeito à suas atividades profissionais temos:

Tabela 3: Atividade Profissional

| HOMENS | MULHERES |
|----------------------------------|------------------|
| Entregador = 2 | Dona de casa = 3 |
| Pintor = 2 | Estudante = 5 |
| Estudante = 3 | Vendedora = 1 |
| Lavrador = 1 | Lavradora = 2 |
| Comerciante/ Mecânico/ Feirante/ | Autônoma = 1 |
| Músico = 1 | |

Nota-se que, entre os homens, há uma maior preocupação com a questão financeira, pois a maioria tem uma atividade remunerada, apenas 25% estudam. Entretanto, observa-se o contrário com as mulheres, a maioria apenas estuda, aliás, estas estão classificadas com nível 1, ou seja, são jovens entre 18 a 25 anos.

Deve-se considerar de acordo com as DCN's, a compreensão das que as finalidades da educação nacional enunciadas na Constituição Federal (artigo 205) e na LDB (artigo 2º) têm como foco “o pleno desenvolvimento da pessoa, a preparação para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho” (BRASIL 2013, p. 17).

5.4 A pesquisa

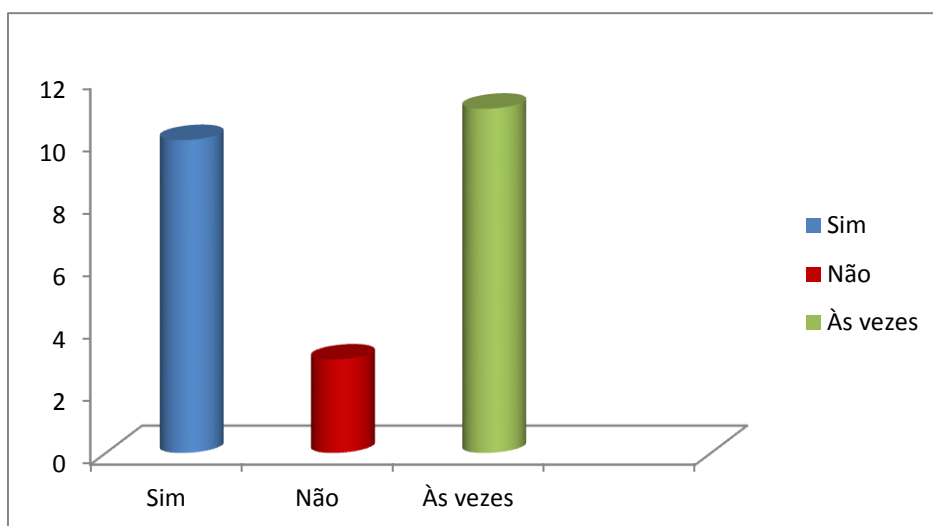
Foram utilizados os métodos: *dedutivo*, onde se pretende criar condições para chegar a conclusões verdadeiras; *positivista*, com a ideia da construção do conhecimento pela compreensão de mundo; *hermenêutico*, como arte da interpretação correta de todas as fontes escritas; *descritivo*, argumentando que as práticas podem ser melhoradas através de descrição e análise diretas e

objetivas e, através de interpretações por meio do método descritivo-analítico com abordagem qualitativa (LAKATOS 2003; STEFANELLO²⁵ 2009)

O primeiro momento da pesquisa foi à apresentação deste trabalho, seus objetivos e a participação de cada um. Após este diálogo, foi entregue a cada aluno um “Questionário de Investigação”, este continha perguntas fechadas e algumas abertas como forma de sondar com mais clareza seus conhecimentos.

Detalhadas estão, a seguir, as sete perguntas e as respectivas respostas de alguns alunos nesse primeiro momento, demonstradas também através de gráfico de colunas para melhor clareza.

Gráfico 1: Alunos que gostam de ler



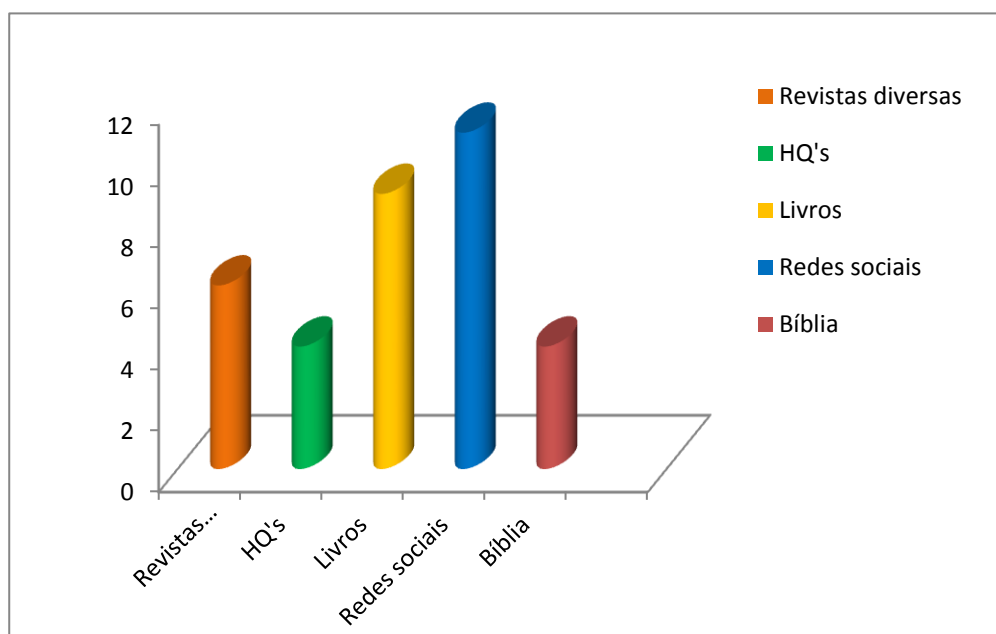
De acordo com a tabela acima se constata que a maioria dos alunos, onze deles, disseram que gostam de ler às vezes; dez afirmam que sim e, apenas três deles afirmam que não gostam de ler.

Há vários fatores que causam esse desprazer pela leitura. Os PCN's explicam que “as pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura” (BRASIL 1997, p.29). Equivale

²⁵ Disponível em: <http://www.ergonomia.ufpr.br/Tipos%20de%20Pesquisa.pdf>. Acessado em 15 de Junho de 2016.

dizer, que para esses alunos, ainda não há essa ‘melhoria’ na qualidade de vida, embora estes saibam que sem a leitura não há sucesso.

Gráfico 2: O que os alunos mais gostam de ler

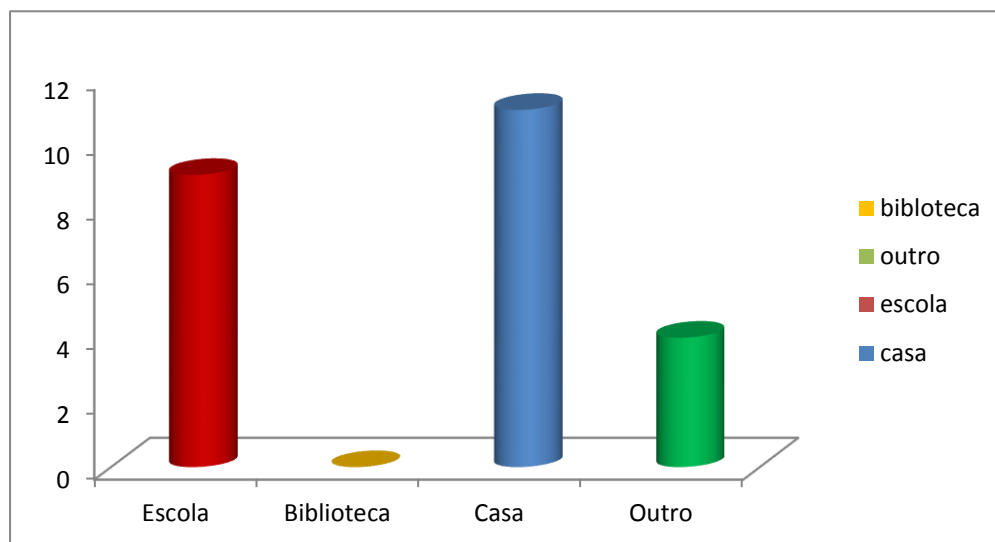


Diante do mundo virtual que estamos vivendo, já era de esperar que estes jovens preferissem as redes sociais, no total de onze alunos. Entretanto, é um número considerável pequeno, uma vez que muitos estão sempre “conectados”. Uma grande surpresa foi saber que apesar de toda essa era da tecnológica, alguns alunos, nove deles, preferem ler livros impressos.

Menciona na Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos (2001) que:

Com relação à leitura, também se procura ampliar o universo lingüístico, utilizando-se uma diversidade maior de textos que vão de jornais e enciclopédias a receitas e embalagens. A formação de um bom leitor não depende só da memorização das correspondências entre letras e sons, mas também do conhecimento das funções, estruturas e dos estilos próprios dos diferentes tipos de textos presentes na nossa cultura. (RIBEIRO 2001, p. 32)

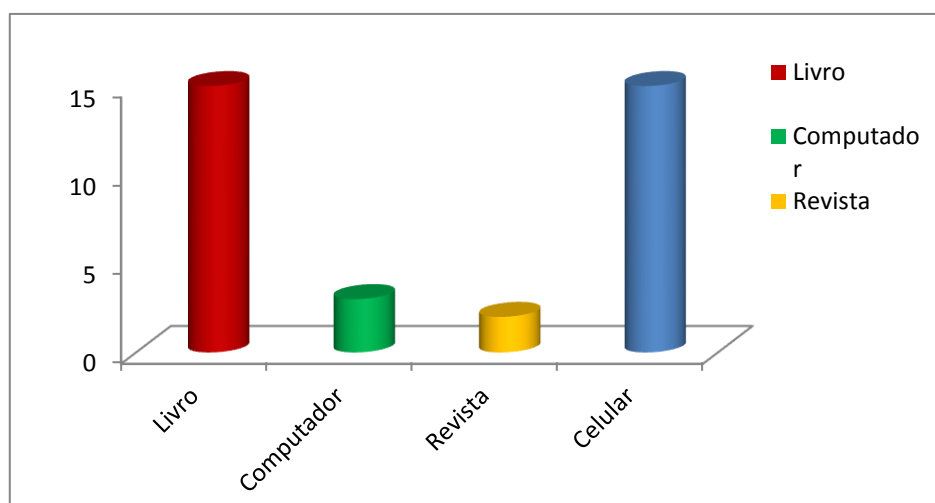
Os gêneros mencionados no questionário circulam no dia a dia destes jovens, por isso essa contextualização com o que já conhecem e têm acesso, havendo uma variedade textual.

Gráfico 3: Onde os alunos leem

Esta pergunta se refere ao melhor ambiente para eles realizarem suas leituras. Percebe-se que eles gostam mais de ler em suas casas. Isto remete-se a segunda pergunta deste questionário, demonstrando que mais gostam de ler as redes sociais e o fazem geralmente em sua casa, este é um ponto positivo. Em segundo lugar ficou a escola com nove votos. Nesta pergunta houve um espaço para acrescentar qual um ambiente em que gostam de ler, que não estava na alternativa, esta última obteve três votos e apenas um indicou a “igreja” como outro lugar que gosta de ler. O que chama a atenção é o fato de não haver nenhum voto para “biblioteca”, isso é um fato lamentável, todavia, há apenas uma biblioteca na cidade aberta ao público e esta não funciona corretamente, igualmente lamentável. Nesta questão alguns quiseram marcar mais de uma alternativa.

Baseando-se nos PCN's, este afirma que “os espaços existentes fora da sala de aula podem ser aproveitados para realizar atividades como ler...” (BRASIL 1998, p.95). É interessante que estes alunos tenham contato com a leitura extraescolar, para favorecer a compreensão.

Gráfico 4: Qual recurso você mais utilizada para suas leituras

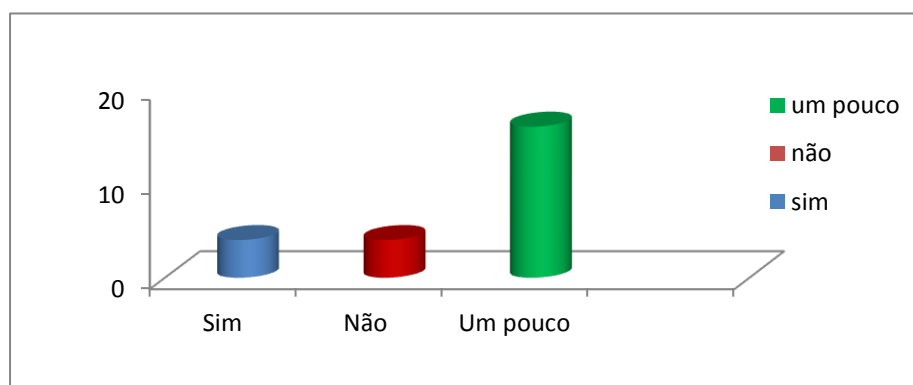


Verifica-se que os recursos mais utilizados pelos alunos são os livros e o celular, o que era de se esperar, pois o acesso tecnologia da informação foi ampliado mediante as mudanças socioeconômicas do país. Com relação a leitura em livros, o Programa Nacional do Livro Didático e Programa Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE), garante que a:

Edição de livros e de materiais didáticos, para diferentes níveis e modalidades de ensino, que atendam ao disposto neste parecer, em cumprimento ao disposto no Art. 26A da LDB, [...], sob o incentivo e supervisão dos programas de difusão de livros educacionais do MEC (RIBEIRO 2001, p.508)

Assim foram quinze votos para o livro e também para o celular; três votos e dois para a revista. Como na questão anterior, alguns alunos apontaram mais de uma opção.

Gráfico 5: Alunos que sabem o que é uma interpretação de texto



Está claro que a maioria dos alunos, dezesseis afirmaram que sabem um pouco o que é uma interpretação. Iguatariamente, quatro alunos afirmaram que sabiam e também que não sabiam.

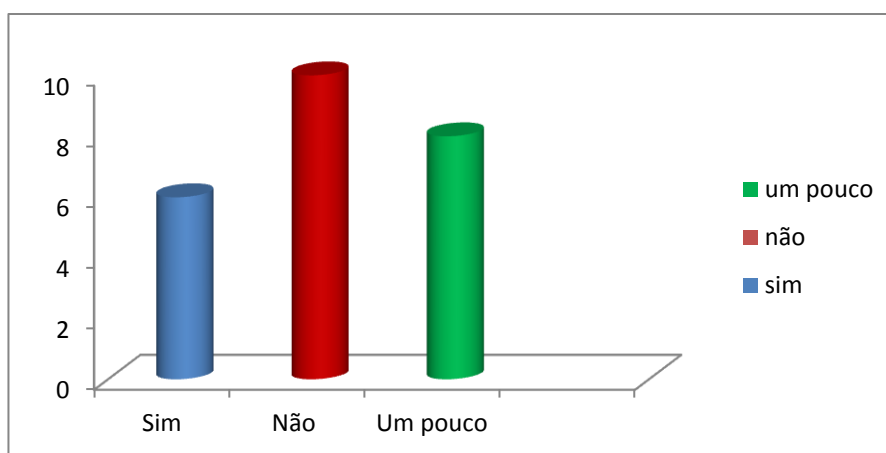
Nesta questão foi deixado um espaço para os alunos explicarem o que eles sabem por interpretação de texto. Entretanto, neste ponto, é possível sentir a dinâmica desta turma, pois a metade, nesse caso quatorze alunos, infelizmente não explicou o significado de interpretação. Isto pode ser associado a vários fatores como: falta de motivação; não conseguir adequar seus pensamentos a linguagem escrita; não saber o significado da pergunta e etc. Com relação ao demais que explicaram o que é uma interpretação de texto, constata-se que a grande dificuldade em assimilar a escrita com a organização do pensamento. Cinco deles explicaram de forma razoável e assinalaram a alternativa “um pouco”, dentre eles tem-se: 1) “*acho que é quando leio algo e consigo interpretar o que li*”; 2) “*é identificar o que está lendo, interpretar*”; 3) “*é registrar os acontecimentos e fatos de um texto*”. Estes tiveram um maior esforço para responder e, responder de forma correta. Outros dois que assinalaram “sim”, explicaram: 1) “*eu acho que e quando a pessoa ta interpretano²⁶ o texto*” 2) “*interpreta atravez de um texto a conclusão que se pede*”.

Outros cinco, não tiveram um bom desempenho em explicar o que é uma interpretação de texto. Quatro marcaram a alternativa “um pouco” e responderam: 1) *eu acho que é quando faz a interpretação de uma história*; 2) *interpretação de um texto é você interpretar e resumi o texto de forma explicativa, eu acho*; 3) *não sei tanto mais posso me esforçar para entender* – essa aluna reconhece sua dificuldade de compreender este conceito de interpretação textual. Um aluno que dizia saber, explicou “*é interpretar um fato ocorrido no texto e registrar os acontecimentos*”.

São visíveis as várias dificuldades desses alunos: i) não compreendem o que é de fato uma interpretação textual; ii) não conseguem expor seu pensamento na linguagem escrita; iii) falta de motivação destes jovens em aprender e estar na sala de aula.

²⁶ As palavras sublinhadas são próprias dos alunos, transcritas tal qual esta escrito em suas respostas. Esse destaque é importante apenas para os fins desta pesquisa.

Gráfico 6: Você sabe o que é uma Parábola? Explique.

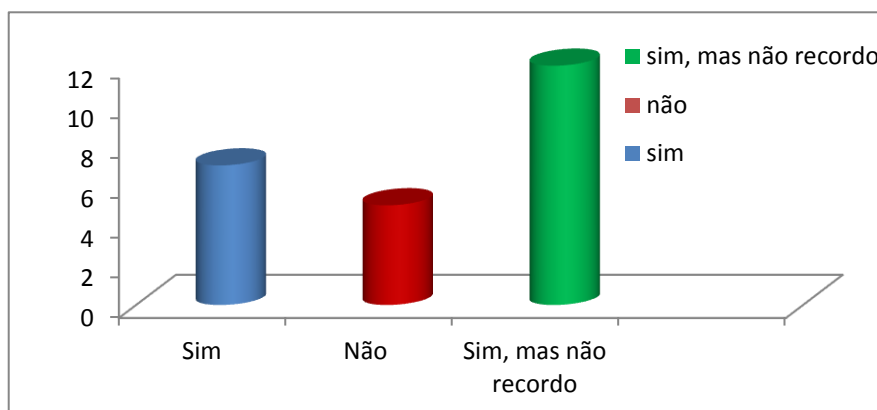


Verifica que dez alunos marcaram não saber o que é uma parábola; oito deles marcaram um pouco – deduz-se que já tenham ouvido falar em algumas, mas não conseguem diferenciar ou conceituar – e, seis deles disseram que sabe o que é uma parábola.

Infelizmente, nesta questão, quatorze deles não relataram seu conhecimento sobre parábolas. Ficando, então apenas dez alunos que explicaram suas opiniões. Metade destes grifou “um pouco”, relatando: 1) “*parábola é um pequeno texto resumido em fatos*”; 2) “*é uma história ou um conto*”; 3) “*é uma palavra que não se pode revelar completamente* – interessante é essa resposta, pois há certa significação, no entanto não é uma “palavra”, mas um texto; 4) “*é uma história científica com personagens que existe mais não tem haver com a realidade*” – este aluno fez um emaranhado de ideias, desconexas. Outra metade afirmou que sabia o que era parábolas e relataram: 1) “*é uma texto que você ler e não entende bem*” – na verdade, alguns não conseguem entender uma parábola imediatamente, é preciso analisá-las; 2) “*uma história que você ouvi e no momento não entende*” – essa afirmação assemelha-se ao gênero parábola, no momento pode ser que não entenda, mas depois ao analisá-la é possível sua interpretação; 3) “*é uma história Bíblica contada por jesus e os profetas*” – este também aproximou-se do conceito de parábolas; 4) “*é que tem haver com interpretar um texto, e uma história científica*” – novamente outro aluno confunde as terminologias e funções da parábola.

De forma geral é perceptível as dificuldades dos alunos ao definirem este gênero bíblico, há textos desconexos, redundantes, sem coerência, exceto alguns que se aproximaram das definições e funções das parábolas.

Gráfico 7: Alunos que já ouviu uma parábola



Evidentemente percebe-se que grande parte dos alunos (doze) assinalaram a questão que sabem, mas “não lembram” oito afirmaram sim e quatro, não. Dezesete alunos não mencionaram exemplo de parábola. , apenas sete colocaram suas respostas: dentre elas: 1) “*João e o pé de feijão*”; 2) “*arca de Noé*”; 3) “*coruja e gavião*” 4) “*grão de mostarda*” e outra aluna mencionou “*o semeador*”.

Desta maneira, mais uma vez, confirma a dificuldade dos alunos em discernir os gêneros textuais ao confundir as parábolas com contos, fábulas e textos históricos.

A partir deste ponto é interessante avaliar o “Questionário do Professor” e confrontar suas respostas com a de seus alunos, fazendo um paralelo entre os conceitos e as práticas do professor. Para este questionário foi elaborado seis perguntas, veja a seguir.

1) Você gosta de ler? Onde você ler?

Sim. Em casa, às vezes na escola, leio muito pela internet, artigos científicos, crônicas, poesias e assuntos políticos.

Nesta pergunta, vê-se a preocupação do professor em destacar os gêneros textuais que mais ler. Observa-se também, que o principal recurso para usado para ler são por meios das tecnologias. As DCN's abordam que:

Assim, hoje, exige-se do professor mais do que um conjunto de habilidades cognitivas, sobretudo se ainda for considerada a lógica própria do mundo digital e das mídias em geral, o que pressupõe aprender a lidar com os nativos digitais. (BRASIL 2013, p.59)

O professor precisa ter essa consciência de sempre buscar ler, se informar e buscar capacitação, além de ter uma prática com as tecnologias digitais. Não pode ficar acomodado, visto que o mesmo está constantemente se transformando.

2) Você faz interpretação de texto com seus alunos? Comente

“Sim. Uso muitos, variados. Utilizo textos em todos os assuntos gramaticais pertinentes”.

Os PCN's afirmam que ações como essas podem:

Se converter em boas situações de aprendizagem... atividades de produção e interpretação de uma ampla variedade de textos orais, de observação de diferentes usos, de reflexão sobre os recursos que a língua oferece para alcançar diferentes finalidades comunicativas” (BRASIL 1997, p.39)

Apoia-se esta prática do professor, pois é preciso diversificar as situações de ensino e aprendizagem do aluno, é sabido que os textos possuem caráter valorativo nesse processo.

3) Quais os gêneros textuais que você trabalha em sala de aula?

“Artigos, crônicas, poesias, contos, charge, tirinhas”.

Quanto a isso, os PCN's garantem que “diferentes objetivos exigem diferentes gêneros e estes, por sua vez, têm suas formas características que precisam ser aprendidas” (BRASIL 1997, p.44). É preciso estimular os alunos com textos diversos, tanto orais como escrito, e assim demonstrar interesse pelas suas aprendizagens.

4) Você encontra alguma dificuldade em trabalhar com esses gêneros?

“Não. São gêneros simples e próximos do aluno”

O professor demonstra que seus alunos, estão desenvolvendo uma interpretação coerente, talvez pelo fato de que os alunos já tenham familiaridade com estes gêneros, que segundo ele, são trabalhados em sala de aula.

5) Como você desenvolve a sua prática de ensino com os gêneros textuais?

“Faço leitura dinâmica com texto de leitura simples com temas atuais”.

Neste sentido, de acordo com os PCN's para os modelos da EJA, “o paradigma pedagógico que se construiu nessas práticas baseava-se num novo entendimento da relação entre a problemática educacional e a problemática social” (RIBEIRO 2001, p. 23). Desta forma, deve ocorrer uma junção entre as problemáticas do cotidiano do aluno, em suas diferentes manifestações.

6) Você já trabalhou com Parábolas em sala de aula? Comente.

“Sim. Ótimo gênero que excita a criatividade dos alunos”.

Esta pergunta chamou a atenção no quesito de contradição com as respostas dos alunos. As perguntas 6 e 7 do questionário do aluno se referiam as parábolas, entretanto, a maioria afirmou não saber o que era uma parábola, com dez votos, e que também apenas sete deles citaram exemplos de parábolas, mas apenas duas responderam corretamente. Não há como dizer qual dos dois esta correta, pois os alunos que marcaram “não” podem não ter ido à escola neste dia ou, o professor explicou a aula e eles não prestaram a atenção, ou realmente o professor não abordou este gênero em sala de aula.

Portanto através deste questionário pôde-se sondar a dinâmica da sala de aula, as práticas do professor e os conhecimentos prévios desses alunos, tendo-os como suporte para as práticas seguintes.

5.5 Diagnóstico

No segundo momento da pesquisa foi abordado para os alunos a importância de Pe. Antônio Vieira para a literatura e sobre seus sermões. Logo após, foi entregue a cada aluno, um trecho do sermão, intitulado “*Sermões aos Peixes*”. (ver anexo). A leitura foi feita coletivamente, onde cada aluno pode ler um fragmento do texto. Após a leitura foi iniciada uma interpretação oral em grupo com perguntas preestabelecidas.

Segundo alguns teóricos este sermão foi “concebido com o intuito de criticar e denunciar espiritual e socialmente a sociedade contemporânea” da época. Este sermão é estruturado por capítulo, seis no total. Vieira faz bastante uso das figuras de linguagem como a comparação e a metáfora. Conforme Josué Rogério²⁷ “findo o sermão, o ouvinte chora a nítida sensação da mensagem ser exclusivamente dirigida a si e não aos peixes, personificação dos homens, fecundando assim uma alegoria entre os homens e os peixes”. Destaque se faz às observações dos alunos, que conseguiram assimilar esta compreensão do texto. Vê-se que este sermão promove a dualidade específica dos textos sacros da literatura barroca: por um lado fomenta as virtudes religiosas; por outro lado permite a reflexão crítica da sociedade da época.

Percebeu-se, durante os diálogos e mediações, as dificuldades de alguns alunos, entretanto, de acordo com os PCN’s a significação de um texto está no “esforço de interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto” (BRASIL 1997, p 43).

No momento seguinte desta pesquisa e também concluindo, foi entregue dois tipos de exercícios para os alunos, aqui será analisado em cinco etapas. Inicialmente pediu-se que observassem uma imagem (cf. Imagem 1 p. 31). Após analisarem a imagem era necessário responder as perguntas: “*Você sabe o que significa essa imagem? Você consegue lembrar-se de alguma mensagem que trate sobre essa ilustração? Comente.* Depois foi apresentado o que é uma parábola, os tipos, características etc. Foram lidos os textos da

²⁷ Essa atividade foi retirada do blog Café com Poesia. Disponível em: <http://cafecompoesia1234.blogspot.com.br/p/sermao-de-santo-antonio-aos-peixes.html>. Acessado em 04/06/2016.

“Parábola da Ovelha Perdida” encontrada em Lucas 15.1-7 e também a “Ilustração da Ovelha Perdida” encontrada em Mateus 18.10-14 e pediu-se que respondessem a interpretação dos textos lidos. Após esta explanação, solicitou-se que os mesmos respondessem novamente a pergunta anterior, para comparar os conhecimentos. Depois deste momento, solicitou a uma aluna que fizesse uma leitura de uma parábola laica em voz alta compartilhada para a turma e foi feito as intervenções orais, necessárias sobre a interpretação do texto. A seguir será melhor detalhada cada ação mencionada.

Acrescenta-se que apesar dos alunos estarem dispostos a participar desta pesquisa, pôde-se ver que alguns estavam descompromissados, desatenciosos, desinteressados, principalmente, quando precisavam fazer uso da escrita – fato esse que muito entristeceu a pesquisadora.

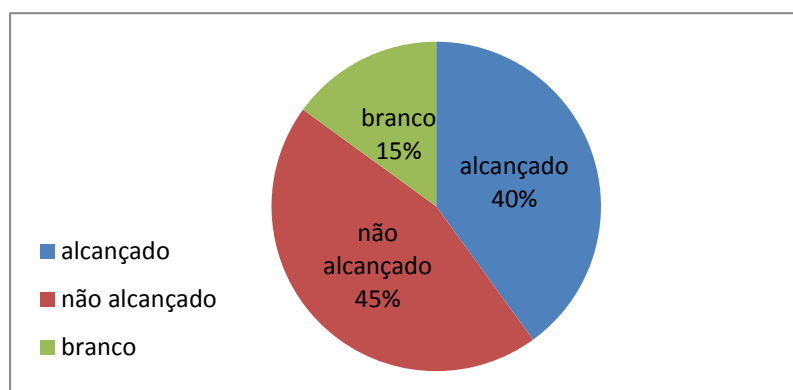
1ª etapa

Esta etapa consistia em analisar a imagem (cf. Imagem 1 p. 32), sem explicar seu contexto. Buscava-se sondar o conhecimento de mundo dos alunos. Participaram desta etapa 20 alunos.

Com relação à pergunta: *“Você sabe o que significa essa imagem? Você consegue lembra-se de alguma mensagem que trate sobre essa ilustração? Comente”*, alguns alunos responderam: 1) *“me lembra um desenho que marcou minha infância”*; 2) *“eu acho que significa uma mensagem com calculo de matemática que significa 100 você, Eu fico triste”*; 3) *“A compaixão para com os animais e das mais nobres virtudes da natureza humana”*; 4) *“na minha cabeça tinha mas ovelhas. Mas os lobos comeram so restaram uma ovelha. Eu lembro que moizes cuidava das ovelhas. Ele foi escolhido por deus para orientar o povo para encontrar a terra prometida”*; 5) os demais responderam se tratar da *parábola da ovelha perdida*.

Piaget²⁸ assegura que as “ideias e os conceitos do texto são organizados e estruturados a partir do que você já conhece. Só assim o texto tem algum sentido para você”, fato este percebido durante esta prática. Por não saberem o contexto da imagem, muitos alunos não conseguiram contextualizar a imagem com o texto da parábola usada. Dessa forma, tem-se:

Gráfico 8: Leitura inicial de imagem

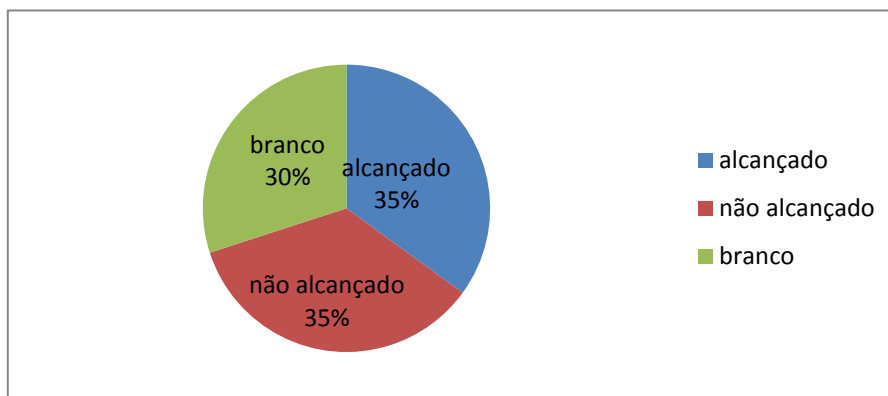


Observou-se que nove alunos não alcançaram o resultado; oito alcançaram e três deixaram em branco. Além disso, alguns alunos se recusaram em responder esta questão. Foi notado que estes alegaram “não saber de nada” e outros que não quiseram responder.

2ª etapa

Após este momento, foi ministrado sobre as parábolas, suas características e suas funções, de forma explicativa e participativa; a leitura das parábolas foi feita pela pesquisadora e acompanhada pelos alunos; houve o momento de mediação e as dúvidas dos alunos foram respondidas. Depois, durante um certo tempo, os alunos procuraram responder as perguntas preestabelecidas para a interpretação do texto. A seguir os questionários com as respectivas respostas.

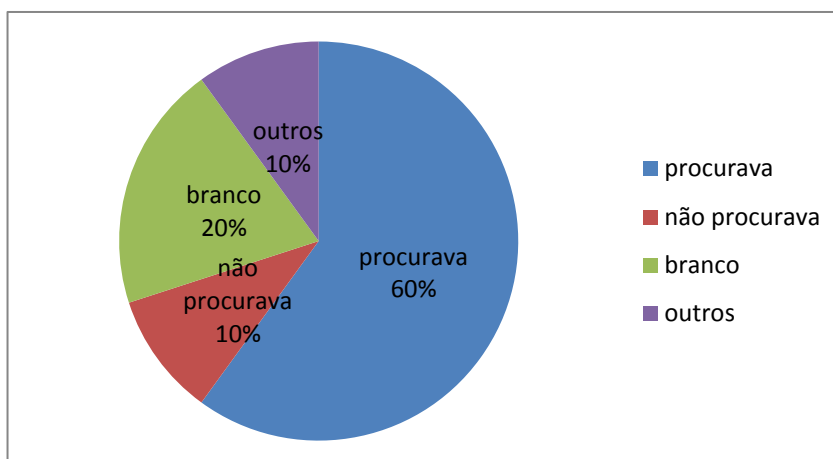
²⁸ In: FONTANA, Roseli, CRUZ, M^a Nazaré da. Psicologia e trabalho pedagógico. – São Paulo: Atual, 1997 (p.45)

Gráfico 9: A finalidade de uma parábola

Foi observado que igualmente sete alunos alcançaram e também não alcançaram e, seis deixaram em branco.

Apesar do debate ocorrido antes, alguns não responderam e outros não conseguiram assimilar adequadamente os conhecimentos. Transcreve-se algumas respostas dos alunos: 1) *“mostra o caminho da salvação”*; 2) *“nos alerta para a valorização do que temos mesmo sendo pouco valor”*; 3) *“aprender a dar valor pras coisas que temos; 4) “nos trazer uma fonte de conhecimento para refletirmos sobre a nossa nova capacidade”; 5) “é mostrar como devemos nos comportar diante dos fatos da vida”*.

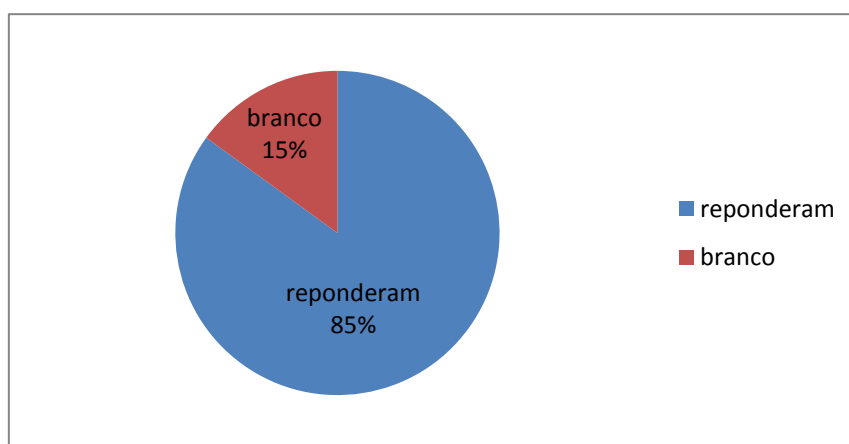
Acrescenta que os alunos não entenderam a pergunta, uma vez que foi perguntado “qual a finalidade de uma parábola e não a finalidade da desta parábola”.

Gráfico 10: O comportamento de qualquer um quando perdesse uma ovelha

Pretende-se verificar os conhecimentos pessoais. De forma quantitativa doze alunos procurariam a ovelha; dois não procurariam; quatro alunos deixaram em branco e dois alunos responderam fora do que foi perguntado.

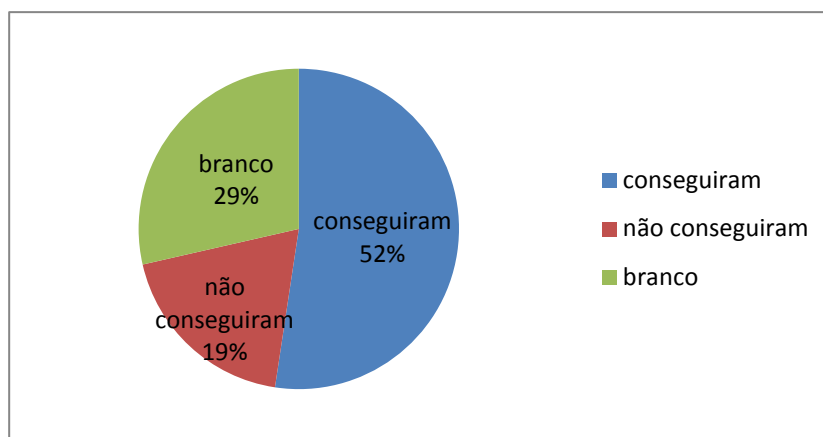
Entretanto vale destacar algumas respostas. 1) “*eu botava na radio, ia atras*”; 2) “*de alegria*” 3) “*não iria atras, pelo simples fato dela não ter valor sentimental por elas*”; 4) “*não iria atrás da ovelha perdida, so que ele foi demonstrando o seu amor*”; 5) “*iria atras ate encontrar*”.

Gráfico 11: Atitude do pastor de perceber a falta de uma única ovelha



Esta pergunta também não necessita ser qualificada como certa ou errada, leva-se em conta a expressão do pensamento de cada aluno. Ressalta-se alguns comentários, lembrando que três alunos deixaram esta questão em branco, os outros dezessete responderam a esta interrogação: 1) “*ele ficou triste e preocupado*”; 2) “*a atitude do pastor e que ele e bastante atencioso e responsável pelo seus bens*”; 3) “*e porque ele conhecia cada ovelha do rebanho*”; 4) “*bom, por ela ser importante para o pastor e ter grande valor sentimental por ela*”; 5) “*não é pela quantidade mas sim pela qualidade que ela apresenta*”.

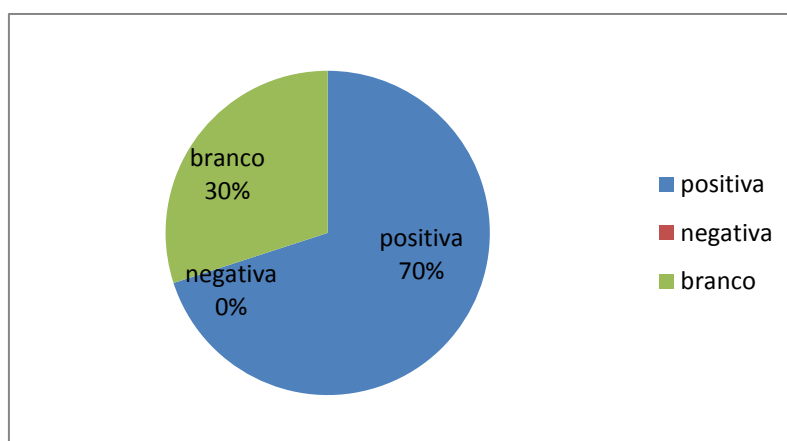
Os PCN's enfatizam sobre as diversas argumentações de um único texto, assim “uma prática constante de leitura na escola deve admitir várias leituras, pois outra concepção que deve ser superada é a do mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado está dado no texto” (BRASIL 1997, p.43). Por isso, é interessante contextualizar os conhecimentos individuais de forma a promover debate e argumentação de suas ideias e compreensões.

Gráfico 12: Elemento principal da parábola

Assim, percebe-se que a maioria dos alunos (onze deles) compreendeu a fundo a parábola, uma vez que conseguiram captar a ideia do autor; três não conseguiram e, seis deixaram em branco.

Com relação aos comentários dos alunos, nesta questão, obteve-se: 1) “o elemento principal e a ovelha”; 2) “é uma sensação de alegria ou seja ele ficou muito satisfeito pelo ovelha encontrada”; 3) “do pastor ao encontra-la na tremenda felicidade dele”; 4) que Deus que que neum de seus filhos se perda; 5) “fator de reencontra-la pois quando se reencontra algo perdido, as pessoas se alegram”.

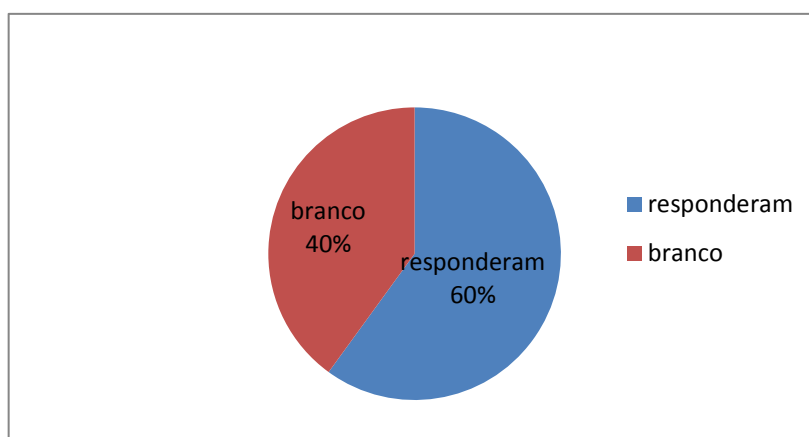
Antunes (2003) aborda que é preciso “levar o aluno a identificar o tema ou a ideia central do texto, sua finalidade, orientação ideológica; a discutir entre argumento principal e argumentos (informação) secundários. (ANTUNES 2003, p.81), fato esse, percebido nesta questão.

Gráfico 13: A atitude do pastor de deixar as ovelhas e ir atrás de uma

Imediatamente percebe-se que a grande maioria (dezessete) respondeu positivamente a atitude do pastor, não houve nenhuma afirmação negativa ou discordando da atitude, porém, três alunos deixaram em branco.

De acordo com Antunes (2003) o que “está no texto e o que constitui o saber prévio do leitor se contemplam neste jogo de reconstrução do sentido e das interações pretendidas pelo texto” (ANTUNES 2003, p.69). Assim, os alunos construíram seus pensamentos ao analisar individualmente a atitude do pastor.

Gráfico 14: O que aprendeu nesta parábola de Jesus que pode ser aplicado em sua vida



Mais uma questão discursiva. Será analisada a interpretação dos textos ao contextualiza - lá com seu cotidiano. Com base nas quantidades, doze alunos responderam a esta questão e oito deixaram em branco.

Assinaladas das seguintes formas: 1) “*que tudo na vida é importante, mesmo que seja pouco fará falta*”; 2) “*muita coisa boa que devemos ir atrás das coisas que perdemos*”; 3) “*que nos mostra o que e bom e mal*”; 4) “*que todos somos ovelha, e que precisamos sempre de um pastor*”; 5) “*aprendi que Jesus nos ama, mesmo quando nos afastamos, dele e que ele faz tudo pra estarmos perto dele*”.

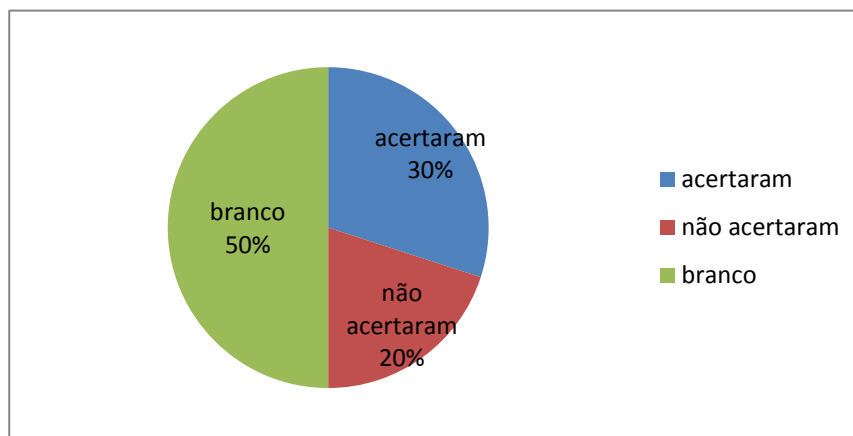
Assim, de acordo com o contexto de cada um, as afirmações dadas pelos alunos baseiam-se em suas vivências, seu desenvolvimento cognitivo, sua capacidade de resolução de problemas e etc.

Ressalta-se a afirmação de Kock e Elias, no conceito de contexto, como “um conjunto de suposições, baseadas nos saberes dos interlocutores, mobilizadas para a interpretação de um texto” (KOCK e ELIAS 2012, p. 64). Desta maneira, o aluno precisa conhecer seu contexto social para interpretar os contextos relativos a um texto.

3ª etapa

Nesta situação prática, sugeriu-se aos alunos que retornassem a primeira etapa (leitura de imagem), para que, após toda essa discussão e abordagem sobre parábolas, comentassem novamente a respeito da imagem analisada, porém desta vez, os alunos saberiam do contexto da imagem, que favoreceriam assim uma interpretação maior, como um todo. Evidencia-se a seguir como mostra o gráfico.

Gráfico 15: Releitura de imagem



Infelizmente, a metade dos alunos, ou seja, dez, não expôs suas compreensões, quanto aos demais que responderam, seis, nota-se que a grande parte conseguiu fazer a interpretação da imagem, antes analisada, mas agora com uma outra perspectiva, os outros quatro alunos não conseguiram assimilar a imagem com a parábola lida.

4ª etapa

Neste momento, uma aluna prontificou-se a ler em alta voz, o texto “a flor da honestidade”, que é uma parábola secular. E após a leitura foi feita indagações acerca do texto: se eles reconheciam aquele gênero, mas ninguém arriscou responder; mediante a falta de retorno dos alunos foi perguntado qual tipo de gênero parecia aquele texto, se era fabula, conto ou parábola, só assim com opções é que a maioria escolheu a parábola.

Neste momento após perceber ainda dúvidas por parte dos alunos, foi necessário novamente enfatizar sobre o gênero textual trabalhado – Parábola – como também salientar sobre suas diferenças com os outros gêneros confundidos como a fábula, o conto e o sermão.

5.6 Resultado

É iminente se pensar através da análise detalhada de gêneros que parecem compartilhar características comuns. A pesquisa iniciou-se pelo contexto de circulação. Esta priorizou o ponto de vista dos interlocutores, observando as marcas que deixam no discurso.

A leitura crítica é essencial para o desenvolvimento do aluno, pois este pode perceber as marcas do autor do texto como afirma Kleiman (2010) que:

O senso crítico é definido como uma atitude de descrença [...], que faz com que exijamos evidências para as opiniões e ideias que são apresentadas, e que podem servir de base para a formação de opiniões e ideias próprias. (KLEIMAN 2010, p. 76)

Daí percebe-se, que esta atitude de análise do texto, faz-se previamente a discussão, pressupondo conexão entre autor/leitor.

Convém destacar, que, em concordância com Fávero (1993), é preciso que o leitor amplie suas competências permitindo-lhe destacar traços que o levarão as intenções do autor.

Os PCN's para o EJA exemplificam que:

O paradigma pedagógico que se construiu nessas práticas baseava-se num novo entendimento da relação entre a problemática educacional e a problemática social. (...)

Tomando o educando como sujeito de sua aprendizagem, Freire propunha uma ação educativa que não negasse sua cultura, mas que a fosse transformando através do diálogo (RIBEIRO 2001, p. 23)

Menciona-se que alguns alunos apoiaram esta pesquisa e propuseram a participar por espontaneidade, entretanto alguns mostraram insatisfeitos com a mesma, demonstrando descompromisso. Outro destaque importante é sobre a escrita desses educandos, apesar de estarem no ensino médio não conseguem desenvolver a habilidade de escrita de forma eficiente. Somado a todos esses fatores, está a quantidade de alunos: muitos desistentes, outros evadidos, outros não assistem às aulas, uma triste realidade no campo da pesquisa: bairro Trezidela na cidade de Barra do Corda – MA.

Por outro lado, esta pesquisa possibilitou o uso da bíblia em sala de aula de forma didática e dinâmica. Proporcionou aos alunos participantes uma maior compreensão dos assuntos abordados, e levantando hipóteses sobre seus pontos de vista, acerca de seus conhecimentos e a contextualização com o ambiente que os cercam.

As práticas desenvolvidas com o uso dos textos sacros tornou-se um atrativo a mais para ser usados na interpretação de textos e que estes servem não só para este ponto de pesquisa, mas outras áreas afins.

Vale destacar, que o gênero estudado é proveitoso para desenvolver a interpretação e o senso crítico dos alunos. Ressalta mais uma vez, que as parábolas como gêneros textuais podem ser levadas para a sala de aula tanto as parábolas bíblicas, quanto as parábolas laicas. Assim de forma geral, o Gênero Textual Parábola é rico em interpretações e conhecimento para o aluno, assim como também para o professor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ensino da Língua Portuguesa deve-se priorizar o trabalho com textos dos mais variados tipos e gêneros, tendo em vista, o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Os professores devem instigar seus alunos com a leitura de textos ricos, repletos de informações, expositivos e criativos, e trabalhar seus recursos estilísticos e a interpretação de textos.

Esta investigação não se fecha na proposta que foi desenvolvida, mas abre-se para novos caminhos e abordagens relativo à Parábola e sua construção discursiva, formal e linguística. É evidente o quanto uma narrativa visivelmente simples expressa significados na sua representação literária a partir de um estilo habitual ao gênero que pertence, assim como a partir de seu próprio estilo.

O intuito foi demonstrar que há a possibilidade dos textos sagrados dialogarem com a literatura de uma maneira harmônica e natural. Os objetivos desta pesquisa foram alcançados, com a utilização dos textos bíblicos, como componente de crítica literária, revelando-se um campo de estudos a ser explorado, no que se refere à descrição de gêneros.

Cabe ao professor tentar entender as diferenças textuais e de seus alunos para decidir qual texto usar e para que atividade, dessa forma, numa visão interacionista, faz-se conforme as situações enunciativas. O trabalho está nas mãos do professor para nortear e desenvolver a habilidade interpretativa dos alunos com os variados gêneros textuais, entre eles, os religiosos.

A escola tem à sua frente grandes possibilidades de contribuição e caminhos a serem abertos. Na verdade, é imprescindível que se encontre as condições favoráveis para que se desenvolvam em nós o gosto e o hábito de leitura e escrita competente, em todas as interações sociais do indivíduo.

É necessário buscar a participação dos alunos de modo que sintam-se estimulados a fazer uso da escrita e da leitura reflexiva e criadora. E ao propiciar a estes alunos uma leitura que os instigam a buscar debates e a contextualização, ampliam sua competência oral, escrita e cognitiva e, também expandir o uso correto das informações que circulam em seu convívio social.

As práticas de leitura devem ser baseadas na diversidade dos gêneros textuais, para que desenvolva no aluno não só o gosto pela leitura, mas

igualmente, as diversas competências desenvolvidas. É sabido que para que haja uma interpretação aprofundada também é necessário ser um leitor eficiente. E um texto só tem verdadeira existência a partir de um leitor e as interações estabelecidas nesta relação.

Relacionado ao aporte teórico a pesquisa de campo conduzida na turma do EJA apresentou, de forma geral, alunos receptivos ao gênero parábólico. Destaca que este gênero é um fator de aplicações práticas de comportamento e reflexão, pois estas são ricas em significados e, dependendo do leitor, proporciona uma mudança positiva de comportamento e compreensão, capaz de torna-se um cidadão ativo e crítico perante a sociedade.

Portanto, é necessário estimular os educandos para a prática constante de leitura e interpretação dentro e fora da sala de aula. Um dos maiores desafios de uma interpretação textual é acompanhar a linha de raciocínio do escritor e um refletir sobre sua ideia.

Enfim, as parábolas tem o objetivo de estimular o intelecto das pessoas e romper seu obstáculo racional, levando-as a confrontar-se com suas ideias imutáveis. Estas respondem as perguntas com outras perguntas e as novas respostas abrem os horizontes do pensamento. Assim, as parábolas não apenas informam, mas formam e estimulam a criatividade e a produção de outros novos conceitos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. – ***Mudanças didáticas e pedagógicas no ensino da Língua Portuguesa.*** – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ALMEIDA, João Ferreira de. – **Bíblia de Estudos Aplicação Pessoal.** – ed. 1995. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação.** – São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Lutar com as palavras: coesão e coerência.** – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BAKHTIN, Mikhail M.. – **Estética da criação verbal.** [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira; Revisão da tradução Marina Appenzeller]. — 2ª ed. – São Paulo Martins Fontes, 1997.

BECHARA. Evanildo. **Dicionário da língua português.** – 1. ed. – Rio de Janeiro: Editora Nova fronteira, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. – **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica.** – Brasília: MEC/SEB/DICEI, 2013.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB. - Lei Darcy Ribeiro** – 3. ed. Brasília, 2006.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. – **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa.** – Brasília: MEC/SEF 1997

_____. **3º e 4º ciclo.** – Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Ensino Médio** – Brasília: MEC/SEF, 2000.

CABRAL, Elienai. **Lições Bíblicas: Parábolas de Jesus.** – 2. Trimestre. – Rio de Janeiro: CPAD, 2005

CERQUEIRA, Aliana Georgia C., TORGA. V. L. M. **O estilo no gênero parábola jesuânica: uma análise bakhtiniana de 'O bom samaritano'.** In: VI Colóquio Internacional 'Educação e Contemporaneidade'. – São Cristóvão: 2012.

CONCEIÇÃO, Fabiana Cristina da; Contiero, T. T. – **Bíblia e literatura: diálogos e entraves na base do monoteísmo.** – Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura. Ano VII, n. 33. – São Paulo: Paulinas, 2001. Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/index.php/notas/biblia-e-literatura->

dialogos-e-entraves-na-base-do-monoteismo/. Acessado em 27 de Março de 2013.

COSTA, Sergio Roberto. – **Dicionário de gêneros textuais**. – 2. ed. rev. ampl. – Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COUTINHO, Afrânio. (direção) – **A Literatura no Brasil. Vol. I**. – 7.ed. – São Paulo: Global, 2004.(a)

_____ **A Literatura no Brasil. Vol. II**. – 7.ed. – São Paulo: Global, 2004.(b)

DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS ONLINE. Disponível em: <http://www.sinônimos.com.br>. acessado entre os meses de fevereiro a junho de 2016.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. – 2.ed. - São Paulo: Ática, 1993.

FERNANDES, Vladimir. – **Parábolas e suas regras de interpretação**. – Disponível em: <http://teologiacritica.blogspot.com.br/2011/03/parabolas-e-suas-regras-de.html>. Acessado em 12 de Novembro de 2013

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. – **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**; coordenação Maria Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. – 5.ed. – Curitiba: Positivo, 2010.

FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. – 16. ed. São Paulo: Ática, 2002.

KOCH, Ingedore Vilaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3. ed., 7ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012

KLEIMAN, Ângela. **Texto & Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. – 13ª ed. – Campinas: Editora Pontes, 2010

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. – **Fundamentos de metodologia científica**. – 5.ed. - São Paulo : Atlas 2003.

MAGALHÃES, A. **Deus no espelho das palavras; teologia e literatura em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2009.In: CONCEIÇÃO, Fabiana Cristina da; Contiero, T. T. – **Bíblia e literatura: diálogos e entraves na base do monoteísmo**. – Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano VII, n. 33. – São Paulo: Paulinas, 2001.

_____ **A Bíblia como obra literária. Hermenêutica literária dos textos bíblicos em diálogo com a teologia**. – XI Congresso Internacional da ABRALIC. – São Paulo: USP, 2008.

MARCUSCHI, Luis Antonio. – **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade.** In: DIONÍSIO, Ângela Paiva. [etall].Gêneros textuais e ensino. –Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão (coord.). **Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular** - 1º segmento – São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001.

NASCIMENTO, Edna Solange do. **Leitura vertical x leitura horizontal.** – Blog Português Através da Bíblia. – Disponível em: <http://portuguesatravesdabiblia.blogspot.com.br/2011/11/leitura-horizontal-x-leitura-vertical.html>. Acessado em 23 de Agosto de 2013.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A.I.Pérez. – **Compreender e transformar o ensino.** – tradução Ernani F. da Fonseca Rosa – 4.ed. – Artmed, 1998.

SALOMAN, Délcio Vieira. – **Como se faz uma monografia:** preparação do original de Mitsue Morisawa. – 11. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANOKI, Koichi. – **Parábola: um gênero literário.** - Revista Eletrônica Espaço Teológico (REVELETEO). – Vol. 7, n. 12, jul/dez, 2013, p. 102-112. – PUC, SP. Disponível em:<http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/17365>. Acessado em 26 de Agosto de 2014.

SANT'ANA, Marco Antônio Domingues. **O gênero da parábola.** São Paulo: Unesp, 2010. In: SANOKI, Koichi. – Parábola: um gênero literário, p.

SCHOLZ, Vilson. – **Princípios de interpretação bíblica: introdução hermenêutica com ênfase em gêneros textuais.** – Canoas: ULBRA, 2006.

SILVA, Sílvio Ribeiro da; RAUBER, Bárbara Battistelli; Teles,Lanilda. – **A estrutura composicional nos gêneros textuais a escrever: estudo de caso.** – SOLETRAS, Ano VI, Nº 11. – São Gonçalo: UERJ, 14 jan./jun.2006. Disponível em: HTTP/www.filologia.org.br/SOLETRAS/11ano6_11.pdf. Acessado em 25 de fevereiro de 2014.

SIM-SIM, Inês. – **O Ensino da Leitura: A Compreensão de texto.** – 1.ed. – Lisboa: MEC/PNEP, 2007

TANTO, Camile Maria Botelho Regadas. – **Uma Proposta Sócio-Interacionista para o Estudo dos Textos Bíblicos.** – Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH). Lisboa: 2010.

XAVIER , Charles Odevan. – **Textualidade Bíblica.** – Disponível em: <http://www.florfutura.jex.com.br/critica+literaria/textualidade+biblica>. Acessado em 26 de Agosto de 2014. (2005)

APÊNDICES

APÊNDICE A – PLANO DE ATIVIDADE PARA A INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Plano da atividade de Interpretação Textual

Escola Campo: Centro de Ensino Professor Galeno Edgar Brandes

Nível: Médio

Turma: EJA

Junho de 2016

Objetivos:

- Desenvolver a criatividade a partir da interpretação textual.
- Aprimorar a escuta atenta e fazer uso de dicionário.
- Desenvolver o hábito da escrita e o gosto em praticá-la, através de interpretação de texto
- Despertar a imaginação por meio da leitura de imagens.

Atividade:

- Leitura e Interpretação textual do Sermão de Pe. Antônio Viera aos peixes, fragmentado.
- Interpretação textual da Parábola da Ovelha Perdida e a Ilustração da Parábola.
- Leitura e interpretação da parábola a Flor da Honestidade.
- Explanação sobre a Literatura Barroca e a Literatura Religiosa.

Metodologia:

- Interpretação em grupo e individual de forma oral e escrita sobre o texto lido
- Leitura e releitura de imagem.

Recursos:

- Atividade xerocada.

Avaliação:

- Analisar os conhecimentos dos educandos por meio da leitura e da participação ativa, com a finalidade de perceber em que situação se encontra no que diz respeito à leitura e interpretação de textos

APÊNDICE B – FRAGMENTOS DO SERMÃO AOS PEIXES DE PE ANTONIO VIEIRA

ANEXOS

